

Damião de Gois

Lisboa de Quinhentos

DESCRIÇÃO DE LISBOA

TEXTO LATINO DE

DAMIÃO DE GÓIS

AOS AMIGOS DE LISBOA

E

AOS HUMANISTAS

TRADUÇÃO DE

RAÚL MACHADO

LISBOA

1 9 3 7

CARTA AO TRADUTOR

Meu prezado e ilustre Amigo:

Conhecedor da nobre modéstia que alia ao seu saber, fiquei irresoluto se devia expressar-lhe a minha opinião, fundamentada e por extenso, a respeito do seu valioso trabalho, e do mesmo modo se devia enviar-lhe esta em latim.

Atendendo, porém, à franqueza que deve haver entre pessoas amigas, e tratando-se de estilo latino, que tanto me prendia por êste simples facto como pelo assunto que versava, deixei-me de preconceitos para, com palavras singelas e sem manifestações exageradas, lhe participar, com sinceridade, que li, primeiramente com tôda a avidez curiosa e depois com admiração meditativa, a excelente tradução, e que ela me trouxe momentos deliciosos e de grande prazer intelectual.

Como possuo na minha livraria uma edição da obra que traduziu, tive a curiosidade de conferir pari passu a cópia manuscrita da edição que lhe serviu de texto, com o meu exemplar e com a recente tradução.

Analisei primeiramente as alterações que fi-

zera na infiel cópia manuscrita, para dar sentido à tradução; passei em seguida análise às magistrais modificações de ordem etimológica, morfológica e sintáctica que introduziu no original deturpado em parte pelos tipógrafos e errado noutra parte pela incúria do próprio Damião de Góis.

De facto, escudado com a autoridade dos escritores latinos que primaram pelo cunho da boa latinidade, não acho correcta a construção: Quibus terminis Ichtyophagorum videlicet, et Anthropophagitarum, literis Ptolemæo cognitum fuisse constat, *refundida na forma:* Quibus de terminis Ichtyophagorum et Anthropophagitarum, nihil litteris Ptolemæo cognitum fuisse constat.

De semelhante modo não é clássica a construção: Accidit tunc inter alios D. Raymundum Tolosatium Comitem ad Alfonsum Castellæ regem, electum imperatorem, subsidio venisse, *modificada pela forma:* Accidit, ut tunc inter alios D. Raymundus Tolosatius comes Alfonso Castellæ Regi, electo imperatori, subsidio venerit, *e muitas outras que detidamente examinei.*

É evidente que, expurgando o texto de gralhas tipográficas e fazendo as correcções indispensáveis dos lapsus calami, *não se tem em vista atestar vaidades, nem menosprezar o admirável e patriótico Damião de Góis que nos deixou monumentos,* aere perennia, *por muitos títulos apreciáveis, aos quais se não pode negar elevação, elegância e nobreza, tendo ainda a defendê-lo o vate Horácio:*

Nam neque chorda sonum reddit quem volt manus et mens,
Poscentique gravem persaepe remittit acutum,
Nec semper feriet quodcumque minabitur arcus.
Verum ubi plura nitent in carmine, non ego paucis
Offendar maculis, quas aut incuria fudit
Aut humana parum cavit natura ....
.... quandoque bonus dormitat Homerus.

Ocioso seria lembrar aqui o curriculum vitae *de Damião de Góis considerado na sua egrégia individualidade.*

Todos o sabem fidalgo, diplomata hábil, humanista, pai da crítica histórica, em relações cul-

turais com Erasmo e com outros sábios do seu tempo, peregrino por tôda a Europa, sempre pronto a enaltecer em tôda a parte as belezas e o valor do povo que levou aos mundos desconhecidos, audaciosos descobridores e conquistadores...

A língua internacional, dos sábios e dos Estados, era então o latim. Foi nesta língua que êle escreveu primorosa e elegantemente os seguintes opúsculos: «Hispania», «Hispaniæ adversus Munsterum defensio», «Diensis Nobilissimæ Carmaniæ seu Cambaiæ urbis oppugnatio», «Fides, Religio, Moresque Æthiopum», «Deploratio Lappianæ gentis», «De Bello Cambaico Secundo — Commentarii Tres» *e a erudita e facunda* «Urbis Olisiponis Descriptio».

É de lamentar que não tivesse continuadores nessa propaganda nacional. Como de lamentar é que o estudo da língua latina fôsse tão descurado no país... Presentemente poucos são os entendedores das belezas escritas em latim pelos clássicos, e muitos os que encaram com altivo desprêzo os alfarrábios bolorentos, tantas vezes óptimos repositórios de lídima linguagem latina e de nobres tradições portuguesas de revivescência interessante e atractiva.

Afastei-me do assunto proposto, mas digo como Damião de Góis: Ad reliqua igitur pergamus.

Analisei finalmente a tradução que considero tão perfeita quanto maiores foram as dificuldades de vazar nos actuais moldes vernáculos da nossa língua, latim do século XVI, inçado de neologismos, de efémera existência, para designar coisas totalmente desconhecidas dos Romanos e muitas das quais até de pessoas do nosso século.

Depois, compulsando os melhores léxicos, desde o vetusto Calepino ao moderno Félix Gaffiot, não se encontram «muletas» (como diz Artur Bivar) para os passos mais obscuros que têm levado muitos à desistência de estudos goesianos, sob aspectos diferentes dos estudos mencionados na «Crítica Literária como Ciência».

Fazer uma tradução literal, imitando servilmente a época do nosso clássico, seria torná-la, além de ridícula, insípida e fastidiosa.

A tradução de que o meu prezado amigo tão

gentilmente me dá conhecimento e vai publicar para honra da nossa Pátria e da gloriosa língua que falaram Cícero, Vergílio e César, e em louvor desta encantadora Lisboa, é uma tradução livre, em português de lei, interpretação cabal do pensamento do autor, a satisfazer o apetite dos leitores mais severos e a demonstrar que as subtilezas latinas lhe são familiares.

Que os entendidos na matéria e o público ledor saibam compreender o seu notabilíssimo trabalho! Que êle seja um mactе nova virtute *noutros similares esforços!*

*Que o futuro lhe reserve o cognome de «Fi-*linto Elísio do Século XX»!

São os votos do

amigo e leal admirador

NICOLAU FIRMINO

Lisboa, 13 — Abril — 1937.



Lisboa de Quinhentos

AO LEITOR

Tediosa coisa é fazer uma tradução. Não carece de ser demonstrado êste assêrto: é intuitivo.

Tediosa coisa é difícil. Com efeito, *traduttore è tradittore,* como dizem os italianos, tradutor significa traidor. Ora, se o tradutor não quere atraiçoar o original, dá, aqui e ali, com enormes dificuldades, não, talvez, para compreender a língua de origem, mas para interpretar, com acêrto, o pensamento minucioso do autor, que, uma vez ou outra, tem, sem dúvida, mais de um sentido.

A dificuldade, porém, sobe de ponto, quando tem de se fazer uma tradução como a presente; porque o autor emprega, muitas vezes, uma terminologia, cujo conteúdo, só por arguta interpretação, se alcança. Quem disto se quiser convencer veja como Damião de Góis recorre, com desusada freqüência, a expressões dêste género: «*como os nossos dizem, como se chama entre nós, chamada assim, chamada assado...*» Pois bem; como é que os nossos diziam naquele tempo? como é que chamavam a isto ou àquilo? — Dificuldade; dificuldade que só poderá vencer-se com afinco e muito trabalho. Por isso nós, não querendo diminuir o sabor da linguagem latina, — latim admirável! —

de Damião de Góis, resolvemos expôr, em notas, os esclarecimentos necessários para mais exacta compreensão do texto. Com o mesmo fim aduzimos, além disso, outras explicações, que, julgamos, hão de beneficiar os leitores.

Há ainda outro ponto que torna mais complicada esta tradução. A *Olisiponis descriptio* é uma obra de encómio; ocorrem nela os mesmos adjectivos e aparecem com excessiva freqüência: *belo, magnífico, muito grande, muito ameno*... É também uma obra de topografia; escrevem-se, por isso, em abundância, expressões como estas: *ao norte, ao poente, em linha recta, à esquerda, no lado oposto, em frente*... E é, ao mesmo tempo, uma obra que encerra digressões históricas; por isso se repete a-miúde: *voltemos ao nosso propósito, já basta o que dissemos, retomemos o fio da história, vamos ao que importa*...

O tradutor podia, é certo, modificar, em parte, estes modos de dizer, mas supôs, não sem razão, que, se o fizesse, saïria do seu munus.

A edição que nos serviu de texto foi impressa em Évora, na tipografia de André de Burgos, em 1554. Desta edição só se conhecem três exemplares; um, na Biblioteca da Ajuda, em Lisboa. Foi o que consultámos.

Cotejámo-lo, além disso, com a edição que se encontra na *Hispania Ilustrada*, de 1603, vol. II. págs. 878-889 — exemplar da Biblioteca da Academia das Ciências, de Lisboa; e com a edição da *Urbis Olisiponis descriptio*, feita em Coímbra, em 1791.

Nas notas de confronto damos à edição da *Hispania Ilustrada* a abreviatura ou sigla *HI.;* e à edição de Coímbra a abreviatura *C.*

E agora só nos resta dizer, como diria Damião de Góis: *Vale*.

O TRADUTOR

DAMIANI GOES, EQUITIS LUSITANI URBIS OLISIPONIS DESCRIPTIO

INCLYTO PRINCIPI DOMINO HENRICO, PORTUGALLIÆ INFANTI, SACROSANCTÆ ECCLESIÆ ROMANÆ TITULI SANCTORUM QUATUOR CORONATORUM CARDINALI MERITISSIMO, DAMIANUS GOES, (1) EQUES LUSITANUS, S. P. D.

Indicarvm rerum Historiam in lucem vt darem, cum crebris doctorum hominum epistolis diu vrgerer, eam ex exemplaribus colligere, atque disponere pridem cœperam: id quidem mihi effectum iri posse tunc pollicebatur otium meum literarium, (2) quo eo quidem tempore laute, & citra publicorum negotiorum onera vtebar. Sed cum mecum perpenderem mihi id modo deesse, quod summe in historia scribenda requiritur, ab incœpto destiti. Nam ei qui iustam & absolutam historiam scribere vult, imprimis liberum & vacuum tempus tribuendum est; deinde animi quies, &

(1) C. tem a *Goes*.

(2) Era preferível aqui, como nos outros pontos em que aparece, com *tt*.

DESCRIÇÃO DA CIDADE DE LISBOA PELO CAVALEIRO PORTUGUÊS DAMIÃO DE GÓIS

AO ÍNCLITO PRÍNCIPE, DOM HENRIQUE, INFANTE DE PORTUGAL, EMINENTÍSSIMO CARDIAL DA SANTA IGREJA ROMANA, DO TÍTULO DOS QUATRO SANTOS COROADOS

Tendo sido muito instado, há longo tempo, por cartas de homens doutos para dar a lume a História das Índias, comecei a copiar documentos, a coligi-los e a ordená-los, porque o repouso literário de que nessa altura dispunha amplamente, sem preocupação dos negócios públicos, permitia-me levar a cabo o meu intento.

Mas, pensando bem, vi que me faltava aquilo que sobretudo se requere para escrever história, e, por isso, desisti do propósito. Com efeito, quem deseja escrever uma história imparcial e completa precisa, em primeiro lugar, de tempo livre e longo; em seguida, carece de paz de espírito e de isenção de todos os empregos; deve ter, por fim, o favor e auxílio dos Príncipes que fomentem e remunerem a diligência e o trabalho das investigações.

omnium munerum vocatio; [1] postmodum maiorum Principum favor, quo industria & labor studiorum præmiis adaugeantur. Quocirca (præsertim cum neque cura neque negotio carere possem) successiuis tantum dierum horis id, quod [2] continenti temporum decursu destinaram, concedere & tribuere proposui, & curriculo mearum lucubrationum currens, Olysiponis Vrbis descriptionem hoc tantum tempore componere institui, eamque tuo duntaxat nomine illis inquam ipsis evulgare decrevi, qui a nobis id flagitare nusquam destiterunt. In qua sane descriptione, quidquid ad ipsius Vrbis originem, & ornamentum investigare valuimus, faciliori quam potuimus penicillo depinximus. Cæterum opusculum hoc quale qualecunque fuerit, sub tua protectione emittere consulto proposuimus, vt quæ nostro huic labori desunt, nam forte multa deerunt, quæ nos assequi non [3] potuimus, ea tua animi celsitudine & eximia doctrina sic foveantur, proteganturque, uti ab alienorum laborum mordacibus, temereque calumniantibus, nullo alio adminiculo suffultæ, sese tueri defendereque possint. Vale.

(1) Deve ser *vacatio.*
(2) H. I. tem erradamente *quo.*
(3) C. suprime sem razão o *non.*

Ora, como eu, nêste momento, não podia abandonar outros cuidados e ocupações, resolvi dar e dedicar a êste trabalho apenas as horas disponíveis e interpoladas do dia, quando na verdade devia dar-lhe tempo longo e seguido, e, sem desviar o curso dos trabalhos que tenho entre mãos, determinei fazer agora, e só agora, a descrição da cidade de Lisboa.

Colocando-a sob o patrocínio de Vossa Alteza, julguei que era meu dever publicá-la para aqueles que nunca cessaram de pedi-la e de exigi-la.

Tudo quanto pude investigar àcêrca da origem e beleza desta cidade, procurei pintá-lo com o pincel mais delicado que possuia.

Seja qual fôr êste pobre opúsculo, confio-o, de intenção deliberada, à protecção de Vossa Alteza. Assim, o que falta à minha obra, — e, certamente muito lhe há de faltar, — e o que não consegui atingir, será favorecido e acalentado pelo excelso espírito e pelo exímio saber de Vossa Alteza, de tal maneira que, só com êsse valioso auxílio e sem mais outro algum, possa defender-se e estar seguro contra os que ousam abocanhar e caluniar os trabalhos alheios. Vale.

DAMIÃO DE GÓIS

URBIS OLISIPONIS SITUS (1) DAMIANO GOE EQUITE LUSITANO AUTHORE

Dvae sunt vrbes nostra hac tempestate quas iure Oceani dominas, ac tamquam reginas appellare possimus, (2) quarum ductu, & imperio totus Oriens, Occidensque hodie nauigatur. Earum altera est Olisipo, quæ a Tagi faucibus eius (3) Oceani partis imperium sibi vendicat, quæ Africam Asiamque immenso maris circuitu complectitur: altera vero Hispalis, quæ a Bæti fluvio Occidentem versus, quem hodie dicunt novum Orbem, classibus patefecit; cuius describendæ partes iis consulto relinquimus, quorum scriptis, de huius noui Orbis reperti ratione, multa forte memoriæ mandabuntur. Nobis vero, cum de situ, & vrbis Olisiponis (4) statu constitutum sit solummodo scribere, non ab re visum fuerit, (5) si, antequam negotium aggrediamur, inde incipiamus, vnde ipsa

(1) H. I. C. têm *Situs et Figura.*
(2) C. traz *possumus.*
(3) C. escreve *illius.*
(4) C. diz *Olisiponensis.*
(5) C. tem *fuit.*

SITUAÇÃO E ASPECTO DA CIDADE DE LISBOA PELO CAVALEIRO PORTUGUÊS DAMIÃO DE GÓIS

Há duas cidades que, nestes nossos tempos se podem chamar com razão senhoras e raínhas do Oceano, pois, por sua direcção e domínio, as naus percorrem, hoje em dia, todo o oriente e todo o ocidente.

A primeira, Lisboa, situada na bôca do Tejo, arroga-se o domínio daquela parte do Oceano que, num abraço imenso do mar, rodeia a África e a Ásia. A outra, Sevilha, voltada para o ocidente, desde o rio Guadalquivir, patenteou à navegação a parte do orbe que hoje se chama Novo Mundo. Deixo, porém, a descrição desta cidade aos que tratarem expressamente da história do Novo Mundo, e que hão de contar, com certeza, nos seus escritos, a êste propósito, muitas coisas dignas de menção.

Sendo tenção minha descrever a situação e estado actual da cidade de Lisboa, pareceu-me que seria proveitoso, antes de entrar em matéria, começar a narrativa por aquele feito que torna mais

res, de qua scripturi sumus, nobilior effecta sit; nempe de invento a nostratibus per æquora in Indiam itinere. Quae res vt memorabilis, ita etiam in ea paulo nobis vagari licebit, atque etiam, antiquorum testimoniis,studio nostro lectoribus aperire, quanta difficultas in hoc negotio se semper obtulerit iis, qui rem tantis periculis plenam ausi fuerunt quovis modo tentare. Quocirca ab eo, qui summo studio, summaque animi virtute rem tam præclaram nostris temporibus aggredi ausus est, exordium capiemus.

Is enim, invictus ille Alfonsi quinti filius, Divus Ioannes secundus Lusitanorum Rex fuit. Ille quidem qui bello regnum suis vendicauit, paceque sibi regni hæriditatem multifarie turbatam restituit. Igitur cum regis indefatigatum animum Indicarum rerum desiderium vehementius agitaret, non nauibus solum ab illa parte litoris Aethiopici, quod ad ea vsque tempora a nostris exploratum erat, eam Indiæ plagam, quæ ad ortum Solis attinet, inuestigare proposuit, sed terrestribus etiam itineribus negotium auspicari voluit. Quod quidem per homines Lusitanos singulari linguarum, rerumque notitia præditos, in eo libro, quem de rebus æthiopicis scripsimus, factum esse demonstrauimus. In quo etiam studio, doctrinaque prudentissimi principis Henrici, Oceani Atlantici, Aethiopicique insulas, & litora prius, multoque antea inuenta, lustrataque a nostris fuisse obiter tractamus.

Proinde dum Ioannes ille adhuc viueret, industria, auspiciisque Bartholomæi Didaci, viri Lu-

glorioso o assunto de que vou falar; quere dizer: vou principiar pelo descobrimento do caminho marítimo para a Índia, levado a cabo pelos portugueses. Êste feito tão memorável, no qual me vou deter um pouco, servirá para mostrar aos leitores, baseando-me nas minhas próprias investigações e nos testemunhos dos antigos, quantas dificuldades tiveram os que se abalançaram a emprêsa tão arriscada.

Vou, pois, começar, falando daquele que, há bem pouco, com o maior empenho e esfôrço do seu espírito, se decidiu a acometer tão ilustre tentativa: foi o rei de Portugal, Dom João II, filho invicto de Dom Afonso V; foi êle que, pela guerra, fez vingar o reino para os seus; foi êle que, pela paz, refez a herança dêsse reino por tantos modos perturbada.

Pois bem; como o desejo ardente das coisas das Índias preocupasse o seu ânimo incansável, o Rei, não só resolveu explorar com navios nossos as paragens da Índia, desde a parte da costa da Etiópia oriental que já tinha sido percorrida até então pelos portugueses, mas quis também ter a iniciativa de as tornar conhecidas, por terra.

Já mostrei num livro que escrevi sôbre as coisas da Etiópia que essa viagem terrestre foi conduzida a bom têrmo por alguns portugueses, dotados de conhecimentos extraordinários das línguas e dos usos orientais. Também nessa história

sitani, nauticæque artis peritissimi, frontem ei continentis parti contiguam, quæ recta ad montem Lunæ porrigitur, nostri inuenerunt. Quæ frons ab Oceano emergens, sinu Hesperico, (1) Prassoque promontorio, (2) immenso tractu terrarum, ad australem cæli cardinem, utrinque protensa, gradum ferme quintum, & trigesimum attin-

---

(1) *Sinu Hesperico.* Hispéria significa em geral, terra do ocidente. E assim os gregos chamaram primeiro Hispéria à Itália; depois, com os progressos nos conhecimentos geográficos, deram êsse nome à Península hispânica. É neste sentido que Damião de Góis emprega essa expressão.

Também Camões se refere à Península Ibérica com o nome de *Hispéria última:*

«*Agora lhe pergunta pelas gentes*
«*de tôda a Hispéria última...*
(II, 108)

(2) *Promontório Prasso.* Era a ponta mais austral, conhecida de Ptolemeu, na África oriental. Deve ser o cabo Delgado, limite das costas de Zanzibar e Moçambique. Camões, falando dêste Promontório, situa-o na Etiópia:

«*O promontório Prasso já passavam*
«*Na costa da Etiópia, nome antiguo...*
(I, 43)

Noutro ponto diz Camões, referindo-se a Baco:

«*Isto dizendo, irado e quasi insano*
«*Sobre a terra africana descendeo,*
«*Onde, vestindo a forma e gesto humano,*
«*Pera o Prasso sabido se moveo.*
(I, 77)

disse, embora ao de leve, como, por indicação e estímulo do prudentíssimo Príncipe, as ilhas do Oceano Atlântico e Etiópico, e da costa, foram, primeiro e muito antes do que por outro qualquer povo, descobertas e visitadas pelos nossos marinheiros.

Aínda em vida de Dom João II, os portugueses, sob a orientação e auspícios de Bartolomeu Dias, português de lei e grande conhecedor da arte náutica, descobriram a extremidade contígua àquela parte do continente a qual se estende em linha recta, até ao Monte da Lua. Esta ponta, que emerge do Oceano, no golfo Hespérico e Promontório Prasso, prolongando-se, dum e doutro lado, por espaços imensos de terras, vai em direcção do polo sul, atingindo quási trinta e cinco graus.

Nada chegou ao conhecimento de Ptolemeu, àcêrca dêstes territórios, chamados dos Ictiófagos e dos Antropófagos.

Contudo, Plínio, Mela, Solino e Marciano, indo buscar a Juba, Artemidoro, a Xenofonte de Lampsaco e a Cornélio Nepos, informações àcêrca de Hanão, rei dos Cartagineses, e de Eudoxo, e de outros, que asseveravam, por experiência própria ou por indicação alheia, que êste mar era navegável, afirmam que houve antigamente notícia dêste caminho por mar; afirmam também que já tudo tinha sido descoberto desde as Índias até

git. Quibus (1) terminis Ichtyophagorum videlicet, & Anthropophagitarum, nihil litteris Ptolemæo (2) cognitum fuisse constat. Quanquam Plinius, Mela, Solinus, & Martianus, ex Iuba, Artemidoro, & Xenophonte Lampsaceno, & Nepote Cornelio, de Hannone Pœnorum Rege, & Eudoxo, aliisque, qui hoc mare experientia, seu relatu nauigabile tradunt, scribentes, huius itineris notitiam olim fuisse, totumque ab Indis ad Herculeas columnas patefactum, cultaque eius litora esse testentur, ac (3) insuper testimoniis confirment, C. Cæsare Augusti filio in Arabico sinu constituto, Hispaniarum nauium naufragio eiectas fragmentorum reliquias apparuisse. In qua quidem sententia Herodotus eximius antiquitatum indagator Græcos fuisse asserit, qui mare, quod extra columnas vocatur Atlanticum, & Rubrum, idem esse mare pro certo affirmant. Atque alibi Græci, inquit, qui Pontum incolunt, Oceanum confluere terram, pro comperto habent. Postmodum ex vetustissimis Aegyptiorum annalibus, hæc prodit. Nempe Necum (4) ipsius gentis regem, cum a depri-

(1) Em frase correcta deveria ser *Quibus de terminis*.

(2) H. I. tem *Ptolomæo*.

(3) Em latim clássico não deveria escrever *ac* antes de vogal, mas sim *et* ou *atque*. Diga-se o mesmo em passos idênticos.

(4) Nekos, rex Aegypti, Psammitichi filius, fossam ducit in Erythræum mare, et Phoenices emittit ad Africam circumnavegandum; triremes ædificari iubet, Ca-

às colunas de Hércules, e que tôdas aquelas costas já estavam civilizadas. Acrescentam mesmo que, estando C. César, filho de Augusto, no Golfo Arábico, vieram ali dar à costa, depois de um naufrágio, os destroços de umas naus hispânicas.

Heródoto, investigador insígne das coisas antigas, testifica que os gregos têm para si que o Oceano, chamado Atlântico, para o lado de fora das colunas de Hércules, e o Mar Vermelho, são um só e único mar. E noutro passo escreve: Os gregos que habitam o Ponto têm a certeza de que o Oceano vai contornando a terra. Noutro lugar, o mesmo Heródoto, por informação de anais antiquíssimos do Egipto, diz mais o seguinte: Quando Neco, rei daquele povo, desistiu de aprofundar o fôsso que vai do Nilo ao Golfo Arábico, mandou, em barcos, alguns fenícios, ordenando--lhes que, passando as colunas de Hércules, penetrassem no mar setentrional e dali navegassem depois para o Egipto. Êles, partindo do Mar Vermelho, chegaram ao Mar Austral, e, depois, atravessando o estreito de Hércules, aportaram ao Egipto, volvidos dois anos. Foi por êste facto que os gregos, segundo dizem, tiveram conhecimento exacto, antes de mais ninguém, da costa de África.

Também se conta, além disso, que, no tempo de Xerxes, Sataspe atravessara o promontório africano. Mas, fatigado e abatido pelo tédio da navegação, voltando às colunas de Hércules por

menda fossa, a Nilo ad Arabicum sinum destitisset, nauibus quosdam Phænices misisse, quos iussit, Herculis columnis superatis, ad Septentrionale vsque mare penetrare, atque inde in Aegiptum cursum facere. Qui e mari Rubro solventes in Australe venerunt mare (1) denique in Aegyptum per fretum Herculeum post biennium (2) remearunt: & in hunc modum dicunt Græci Africæ litus primo in totum cognitum fuisse. Secundo vero, Xerxis temporibus, Africæ promontorium Sataspem superasse scriptis confirmant, qui admodum nauigationis tædio confectus, ad columnas Herculis, (3) vnde in Atlanticum Oceanum prodierat reuersus, in Aegyptum cursum tenuit. (4) Denique Strabo ex Aristonico testatur Menelaum, per Gades circumductum, iter in Indiam fecisse. De qua quidem re, prolixius non agemus, ne longius, quam res ipsa postulare videtur, digrediamur. Illud quidem verissimum videtur, & ratione (5) cre-

dytin Syriæ capit. Heródoto, no livro IV, cap. 42, foi a fonte para o nosso Damião de Góis escrever o que vem no texto àcêrca de Nekos e da viagem dos fenícios em tôrno da África.

(1) C. escreve: *in Australe venerunt, & denique...*

(2) *Biennium*. Heródoto escreve: *depois de muitos meses.*

(3) Colunas de Hércules. Segundo a lenda, Hércules separou a montanha de Calpe (na Espanha) da montanha Abyla (em África); daí lhes veio o nome de *colunas de Hércules.*

(4) Estas informações àcêrca da navegação de Sataspe, mandado por Xerxes, foi Góis colhê-las ao livro IV, cap. 43, de Heródoto.

(5) *Ratione,* neste sentido é um romanismo.

onde entrara no Atlântico, regressara de novo ao Egipto.

Finalmente, Strabão testifica, por informação de Aristonico, que Menelau, levado por engano para além das Gades, conseguira navegar até às Índias.

Não quero, porém, tratar agora aqui com maior extensão àcêrca destas coisas para não me afastar mais do que convém do meu intento. O que parece mais certo e, com razão, mais crível, é que esta viagem por mar, tão extensa e exposta a infinitos perigos, sempre tentou o espírito humano; mas, uma vez começada, ou, se isso se conseguiu, uma vez concluída, nunca ninguém se atreveu, pela segunda vez, a abalançar-se a emprêsa tão árdua, ou antes, tão monstruosa.

Contudo, quer pela índole incansável e aventureira dos portugueses, quer pela instigação da «auri sacra fames», êsse caminho de peregrinação desmedida é actualmente tão freqüentado que os portugueses não dão maior importância a essa viagem do que à que tivessem de fazer por mar desde Portugal à Inglaterra ou à Bélgica.

Voltemos ao princípio. Aquele mesmo rei, Dom João, deu ao promontório, descoberto, como por acontecimento inesperado, o nome de Cabo da Boa Esperança, porque esperava que se lhe oferecesse ocasião mais favorável para navegar dali através de todo o Oceano Índico.

dibile, tam vastam, & periculis infinitis obiectam nauigationem, ita tum hominum animos affecisse, ut semel inchoata, vel (si attigit) absoluta [1] nemo secundo rem tam arduam, vel potius monstrosam, aggredi auderet. Qui sane tam immensæ peregrinationis cursus nostratium, siue indefatigata indole instigante, siue auri sacra fame vrgente, tam denique modo frequens habetur, vti non maioris negotii nunc huiuscemodi nauigationem existiment, quam si in Britaniam, [2] aut in Belgicam, [3] ex Lusitania per Oceanum iter facerent. Huic vero repertæ fronti, vt ad inceptum redeamus, ob rem insperatam, Rex idem Bonæ spei caput nomen indidit: reliquum iam inde Oceanum Indicum nauigandi occasionem faciliorem sibi oblatam esse sperans. Ceterum naues illæ quibus Bartholomæum Rex præfecerat, multis casibus, aduersisque tempestatibus disiectæ, ipso Bonæ spei promontorio, vt antea demonstrauimus, superato, flumen ingrediuntur, cui Inffantis [4] flu-

---

(1) *ut semel inchoata vel... absoluta.* Esta construção, aqui, é um romanismo. A locução *ut semel* equivalente a *ubi, ut primum,* não se pode empregar com a construção de Damião de Góis; pois, na minha opinião, temos que intrepretar *semel inchoata vel ... absoluta* como um ablativo absoluto.

(2) Seria preferível ***Britanniam.***

(3) O nome próprio é *Belgium* e não *Belgica.* (Cfr. Cæs. B. G. V, 12, 2.).

(4) H. I. e C. têm *Infantis.*

As naus, cujo mando o Rei entregara a Bartolomeu Dias, arrostando com muitos incidentes e tempestades adversas, depois de passarem o Cabo da Boa Esperança, como já dissemos, entraram, por fim, na foz de um rio, ao qual a marinhagem pôs o nome de Rio do Infante; a razão dêste nome foi porque a nau, capitaneada pelo português Lopo Infante, arribou antes das outras à foz daquele rio.

Julgaram os capitães que não era seguro prosseguir a derrota; pois, em tamanha extensão de mar e em espaço tão longo de tempo e de navegação, não tinham avistado gente que soubesse servir-se de navios, e, por isso, se continuassem a viagem, receavam não encontrar os indos, — povo por sua natureza muito culto e perspicaz, — mas outros povos e outras terras bárbaras e selvagens, onde poderiam talvez sofrer ainda mais graves incómodos do que quantos tinham já experimentado nas regiões em cujas costas e portos até ali tocaram.

Tendo êles considerado isto maduramente naquela conjuntura, e avaliado tudo com prudência, velejaram em sentido contrário e regressaram a Portugal.

Eu creio que êste caso aconteceu mais por desígnio divino do que por conselho humano; porque a glória de vencer o mar Atlântico parece

men nomen inditum fuit, eo quod inter ceteras naues una, cui Rex Lupum Infantem virum Lusitanum præfecerat, omnium prima ad fluminis ripam appulsa (1) sit. Inde vero vlterius progredi minime tutum esse duxerunt, propterea quod in tanta maris vastitate, itinerisque & temporis intercapedine, gentem nullam reperissent, quæ tum nauibus vteretur, veriti ne si longius, procederent, non Indos, genus hominum suapte natura cultissimum, ac disertissimum sed alias nationes, terrasque barbaras, ac immanes offenderent, a quibus forte etiam grauioribus incommodis permerentur, quam quæ in iis experti essent, quorum litora, portusque antea tetigissent. Qua re mature pro rerum facultate, & prudenter animaduersa, mutata velificatione, in Lusitaniam reuertuntur. Id vero diuino potius quam humano consilio accidisse crediderim, quod deuicti Oceani gloria, futuro Regi integra, fato quodam, intactaque reseruari videretur.

Interea quidem re infecta, Ioannes Rex moritur, nouisque rerum momentis occurrentibus, vti tum maxime fieri consueuit, Emmanuel Regnum suscepit: statimque biennio postquam regni gubernacula suscepisset, cum omnia domi, forisque, a finitimis Regibus tuta satis, ac pacata cerneret, quod a suis maioribus antea summo studio factum esse videbat, in idipsum animum cœpit intendere. Tres igitur parari naues, ac instrui iubet, quibus

(1) C. traz *apulsa*.

que estava reservada, pelo destino, inteira e intacta ao rei que havia de vir.

Com efeito, morre, entretanto, o rei Dom João, sem deixar concluída a emprêsa; e, por uma série de circunstâncias que ocorreram, como era costume então, o Rei Dom Manuel tomou o govêrno do reino.

Logo nos dois anos seguintes, depois de ter assumido o leme da governação, vendo que a nação estava tranqüila no interior e em paz com os reis vizinhos e com os outros povos, começou a aplicar a sua atenção ao empreendimento que tinha sido tomado com tanto empenho pelos seus antecessores.

Mandou preparar e aparelhar três naus; deu o comando a Vasco da Gama, português de raça e cavaleiro. O Gama dispôs tudo o que se lhe afigurava necessário para tão dilatada travessia; e no dia 8 de Julho do ano de 1497, da era cristã, aproveitando monção favorável, desferrou de Lisboa; ràpidamente secundado por vento próspero, com felizes auspícios, mas com imensas dificuldades, aportou à Índia.

Deixemos, porém, estas digressões e a Índia, e apressemo-nos a voltar ao nosso propósito.

Não me atrevo a afirmar com certeza, a tama-

Vascum Gammam, genere Lusitanum, equestris ordinis virum præfecit. Qui comparatis rebus omnibus quæ ad tam longam profectionem necessariæ videbantur, octauo Idus Iulii anno Dominicæ Incarnationis MCCCCXCVII, (1) idoneum Aquilonem nactus Olisipone soluit, celeriterque concitatiore vento in Indiam lætis auspiciis, sed immenso labore peruenit. Sed nos rebus iis omnibus cum ipsa India omissis, ad institutum nostrum properemus.

Olisiponem igitur quis primus condiderit, in tanta seculorum vetustate pro certo affirmare non audemus, quam tamen inter antiquissimas Hispaniæ vrbes annumerandum esse, vetustissimi quique (2) scriptores testantur. Hanc Varro Olisiponem, (3) & Ptolemeus (4) Oliosiponem appellant. Strabo (5) vero Vlysseam, & ab Vlysse conditam

(1) H. I. e C. escrevem erradamente: *millesimo trecentessimo nonagesimo septimo,* em lugar de *millesimo quadringentesimo,* etc.

(2) C. diz *quoque.*

(3) Varrão emprega *Olisipo, Olysippo, Olysipo.* Cfr. *De re rustica,* lib. II, c. I.

(4) Ptolemeu traz na *Geographica,* lib. II, c. 5: *Oliosiporum,* ed. Romæ, 1508; *Oliosipon,* ed. Basileæ, 1545. É provável que Damião de Góis tenha compulsado alguma destas edições.

(5) Strabão diz por exemplo: *«Sed etiã in Hispania urbe Ulyssea et Mineruæ templũ...»* *Geographica,* lib. II, c. IV, ed. Basileæ, MDXXIII.

Júlio de Castilho, na *Lisboa Antiga,* 2.ª ed., vol. I, c. IV, pg. 57, nota 1, cita já o passo em que Strabão se refere a Asclepíades Mirliano.

nha distância de séculos, qual fôsse o verdadeiro fundador de Lisboa.

Os escritores antigos incluem-na entre as mais antigas cidades da Hispânia. Varrão, chama-lhe *Olisiponem;* Ptolemeu, *Oliosiponem;* Strabão, dá-lhe o nome de *Ulisseam,* e parece atestar, seguindo a informação de Asclepíades Mirliano, que foi fundada por Ulisses.

Êste Mirliano presidiu, de facto, na Turdetânia, a um desafio literário, e escreveu um livro sôbre a gente daquela região. Diz êle que em Lisboa, no templo de Minerva, se encontram pendentes alguns objectos, tais como escudos, festões, esporões de navios, que pareciam fazer alusão às viagens de Ulisses.

Julgam muitos autores que dêste passo não se deduz satisfatòriamente que Lisboa fôsse fundada por Ulisses. Contudo, eu sinto maior inclinação para adoptar o testemunho de tão ilustre escritor do que para aderir à opinião de quem, sem motivo suficiente, escarnece dêsse modo de ver. Tanto mais me inclino para isto quanto é certo que Solino, varão extraordinàriamente culto, também segue o parecer de Strabão. Mais. O nosso André de Rèsende tão apreciado de todos os doutos, adopta e confirma, em diversos pontos dos seus escritos, a mesma opinião.

Vindo outra vez ao nome da cidade, concluí-

esse, ex verbis Asclepiadis Myrliani videtur asserere. Is enim Myrlianus in Turditania ludo litterario præfuit, atque de gentibus ipsius regionis librum conscripsit, prodiditque etiam Olisipone in templo Mineruæ, fragmenta quædam suspensa tunc extare, videlicet parmas, apulstra, nauiumque rostra Vlyssis errores indicantia.

Ex quo sane loco non satis liquere arbitrantur quidam Olisiponem ab Vlysse conditam esse. Nobis tamen tanti viri testimonio adhærere placebit potius, quam illorum dicta comprobare, qui id (1) nullo certo argumento cauillare conantur. Præsertim cum Solinus vir apprime doctus ipsius Strabonis sententiam sit sequutus. Noster quoque Andreas Resendius (2) vir doctorum omnium iudicio, & calculo comprobatus, id multis in locis scriptorum suorum, & imitatur, & confirmat. Sed quoad nominis rationem attinet, ex quadam ipsius Resendii oratione, & ex multis vetustissimis tabulis in vrbe ipsa repertis, ab illoque collectis, facile liquet, scribi debere Olisiponem, per O & duplex Iota, & simplex S. Erat autem Olisipo Romanis temporibus Romanorum ciuium municipium. Plinii grauissimi scriptoris testimonium hoc loco aferre non pigebit. *Municipium* (inquit)

(1) C. diz *ut*.

(2) C. escreve: *Lucius Andreas Resendius;* H. I. mudando o nome ao Resende, traz *Laurentius Andreas Resendius.*

mos, sem hesitar, não só por uma explicação do mesmo Rèsende, como também por várias inscrições muito antigas encontradas em Lisboa, e coligidas por êle que se deve escrever *Olisipo,* com *O,* dois *ii,* e um só *s.*

Olisipo era, na época romana, um município de cidadãos romanos. De boa mente vou aduzir aqui uma citação do notável historiador Plínio: «*Municipium, inquit, civium Romanorum Olisipo, Felicitas Iulia cognominatum. Lisboa, diz, é um município de cidadãos romanos, chamado Felicitas Iulia.*»

Não me atrevo a estabelecer sem bases a origem do nome de Lisboa; talvez isso parecesse a muita gente um caso fabuloso, — tão fabuloso como aquele facto que Varrão foi buscar a Justino, o qual escreve que «na Lusitânia, onde está a cidade de Lisboa, no monte Tagro, as éguas ficam prenhes só pelo vento.»

Note-se que Plínio e Solino admitem igualmente êste facto. Contudo, o mesmo Justino, referindo-se a isto, assevera, com afinco, que tal opinião é errónea. «Na Lusitânia, diz êle, conforme muitos autores narraram, junto ao rio Tejo, as éguas concebem por meio do vento. Mas estas lendas são originadas por causa da fecundidade das éguas e da grande quantidade das manadas; pois estas são em tão grande número na

ciuium Romanorum Olisipo, Fælicitas Iulia cognominatum. (1)

Vnde autem nominis origo emanarit, temere affirmare non audemus. Id enim fortasse tam multis fabulosum videretur, quam illud Varronis a Iustino iudicatur. «In Lusitania, vbi est oppidum Olisipo, monte Tagro, equas e vento suscipere». (2) Cuius sententiam, & Plinius, & Solinus approbarunt. Quam tamen diximus, Iustinus his verbis mendosam esse enixe affirmat. *In Lusitania* (inquit) *iuxta fluuium Tagum equas vento concipere multi authores prodiderunt, quæ fabulæ ex equarum fæcunditate, & gregum multitudine natæ sunt. Qui tanti in Gallecia, & Lusitania, & tam pernices visuntur, vt non immerito ipso vento concepti esse videantur.* (3)

Quae sententia nobis sane non ita displiceret, nisi physici rationibus adniterentur probare naturam ipsam, ex fœmineo tantum sexu, sineque marium congressu, multa gignere, & procreare solitam esse. Quem quidem Varronis locum D. Ro-

(1) Plin., *Hist. Naturalis*, Lib. IV, cap. 22, Basileæ, 1554.

(2) O que Varrão diz é o seguinte: *Equa enim ventrem fert XII menses... In fætura res incredibilis est in Hispania, sed est vera: quod in Lusitania ad oceanum in ea regione ubi est oppidum Olysippo, monte Tagro, quædam e vento concipiunt certo tempore equæ, ut hic gallinæ quoque solent, quarum ova hippenemia appellant*». Varro, *de re rustica*, lib. II, c. 1.

(3) Cfr. Plínio: «*Oppida memorabilia a Tago in ora, Olissippo equarum e fauonio uento conceptu nobile*. *Hist. Nat.*, lib. IV, c. 22.

Galiza e na Lusitânia e correm tão velozes que não sem razão parecem concebidas pelo próprio vento».

Esta explicação de Justino realmente não me desagradaria, se os físicos não tivessem razões para provar que a natureza costuma produzir e procriar muitas coisas, sem as fêmeas terem contacto com machos. E assim, Dom Rodrigo, arcebispo de Toledo, admite, na sua História, com grande soma de argumentos, aquele passo de Varrão.

O Monte Tagro, que Varrão menciona, é, segundo creio, aquele mesmo que nós chamamos Sintra, donde avança para o mar o Promontório da Lua, situado a vinte e quatro mil passos, mais ou menos, de Lisboa; actualmente chama-se a *Rocha* (1), ou, em latim, *Rupis*.

Na encosta dêsse monte ergue-se agora uma cidadezinha, de admirável amenidade e suavidade pelo sítio e pelo clima, ennobrecida com um grandioso e magnífico palácio dos Reis de Portugal, que, do nome do monte, se chama Paço de Sintra.

Êste monte tem grande abundância de ani-

(1) O promontório da Lua é o actual Cabo da Roca.

dericus Archiepiscopus Toletanus, in sua historia, satis luculenter comprobat. Mons vero Tagrus, cuius Varro meminit, meo quidem iudicio ille idem est, quem nos *Sintreum* vocamus, & a quo Lunæ promontorium in mare prorumpit, millia passuum ab Olisipone plus minus viginti, & quatuor. Quod nostris hodie *Rocham* appellari placuit, siue vt latine dicam, Rupem. In cuius decliui montis oppidum, admirabili loci amænitate, cælique clementia hodie conspicitur, ingenti ac munifico Regum Lusitaniæ domicilio nobilitatum, quod de nomine montis *Sintram* dixere. Mons vero diversis ferarum generibus, aviumque, mire abundans, pecori item pascendo propter singularem soli bonitatem, adeo est accommodus, vt cuilibet facile possit persuaderi, equas sine admissario concipere. Ad latus porro huius montis, quod latus ab Oceano patet, vicus passibus circiter duobus millibus in colliculo positus est *(Collares* accolæ vocant) a quo haud ita procul, sub rupe in pelagus procumbente, antrum est quod accedente alluitur Oceano, fluctusque introrsus reciprocantes salo spuma permisto, recipit in sese, & idem eructat ingenti undarum strepitu, in quo Tritonem concha canere olim visum nostrum vulgus existimat. Quod ad locum quidem attinet, constanter quicquam affirmare non audeam; propterea quod ab omnibus, id litus propius legentibus, cerni facile, ac conspici possit. Tritonem vero Tiberii Cæsaris temporibus visum in Lusitania, auditumque fuisse, ita scribit Plinius. *Tiberio* (inquit) *Principi nuntiavit Olisiponensium legatio,*

mais selvagens e de aves, e é de tal maneira propício, por causa da especial bondade do solo, para o pastio de rebanhos, que fàcilmente nos podemos persuadir de que as éguas, naquela região, concebem sem auxílio alheio.

Ao lado do mesmo monte, na direcção do Oceano, a uns dois mil passos, está situada, num outeiro, uma aldeia, a que os naturais chamam Colares.

Não muito longe desta aldeia, debaixo dum rochedo sobranceiro ao mar, há uma gruta, batida pelo Oceano. As ondas penetram lá dentro, e, entrechocando-se, produzem enorme ruído. O nosso povo julga que ali foi visto outrora um tritão a cantar com a sua concha.

Eu realmente não me atrevo a afirmar nada a êste respeito, tanto mais que o litoral pode ser visto e examinado pelos que o vão costeando. Já Plínio dizia que, nos tempos de Tibério César, fôra visto e ouvido na Lusitânia um tritão. «Uma embaixada, escreve o historiador, vinda expressamente de Lisboa e mandada a Tibério, testificou que numa gruta se avistara um tritão a cantar com uma concha, apresentando-se com o aspecto conhecido».

Para confirmar esta opinião, julguei que não devia deixar no esquècimento o que vai seguir-se: Nos nossos dias encontram-se, em muitos lu-

ob id missa, visum auditumque in quodam specu concha canentem Tritonem, qua noscitur forma. (1) Nec vero illud silentio prætereundum esse duximus, nostro hoc tempore plerisque in locis huic litori vicinis quoddam hominum genus reperiri, qui & natura, & nomine Marini ab indigenis vocari cœperunt, ob eam præsertim causam, quod hispidum quid in cutis superficie (2) gerentes, notas quasdam squamarum ,ac tanquam reliquias antiqui generis, per totum ferme corpus sparsas, præ se ferre, atque retinere videantur. Eos enim ab hominibus marinis, vel Tritonibus, originem, genusque traxisse, pro certo semper habitum est, eiusque rei initium inde profluxisse a maioribus accepimus, Tritones scilicet ad litus prosilire, interdum, atque colludere paulatim assueuisse, eosque fructuum dulcedine delinitos, quorum in iis locis maxima est copia, eodem reuersos sæpius, ineffabili quodam incolarum astu èorum aliquot interceptos, ac postea blanditiis ad excultum, mansuetumque genus vitæ traductos esse. Et quidem si fabulosum videbitur domestica familiaritate vocales reddi Tritones potuisse, insuperque cum Lusitanis consuetudinem vt haberent effecisse, fabulosius sane mihi erit, barbarum incultumque Tritonem in Africa, in palude Tritonide, prosiluisse, ac cum Græcis garrientem, ab Iasone tripodem, quam Delphos asportabat, vti Syrtium pe-

(1) Plin., *Hist. Nat.*, Lib. IX, C. 5, *De tritonum et Nereidum et elephantorum marinorum figuris.*

(2) *In cutis superficie* é um romanismo.

gares próximos àquela praia, uns homens que os habitantes deram em chamar, por causa da sua natureza e origem, homens marinhos, por apresentarem na superfície da pele umas asperezas ou escamas espalhadas quási por todo o corpo, como se fôssem vestígios da sua antiga raça. E crêem os habitantes que os tais homens devem a sua origem e a sua natureza aos homens marinhos ou tritões.

Tudo isto provém de que, conforme reza a tradição, os tritões às vezes, saltavam para terra e, pouco a pouco, se habituavam a brincar na praia; de que êles, de quando em quando, saíam do mar, porque os naturais os atraíam com a doçura da fruta que naquela região é muito abundante; de que alguns tritões foram apanhados por afável astúcia dos habitantes, e, depois, com carinho, educados num género de vida mais civilizada e menos selvagem.

Se a alguém parecer fabuloso que os tritões, pela convivência dos homens, chegassem a emitir vozes humanas, e, além disso, tivessem trato com os habitantes, a mim me parece ainda mais fantástico que um tritão, bárbaro e selvagem, tenha saltado no lago Triton, na África, e, pondo-se a brincar com os gregos, pedisse a Jasão a mesinha de três pés que êste levava a Delfos para evitar, por seu intermédio, os perigos das sirtes.

Vou, porém, aduzir a êste propósito um testemunho mais convincente. Nos nossos dias, um homem andava à pesca, com linha e anzol, entre os

riculis suo ductu euaderet, sibi dari poposcisse. (1)

Nostris vero temporibus, vt efficacius testimonium in medium (2) afferam, piscator quidam, dum inter scopulos Barbarii promontorii filo, hamoque iuxta Diuæ Virginis sacellum pisces capere contendisset, derepente (3) ex vndis in scopulum mas Triton exiliuit, barba prolixa, crinibus oblongis, pectore hispido, facie non admodum deformi, absolutaque hominis forma. Qui cum paululum apricatus esset, & hominem a tergo, ipsius formam contemplantem, inspexisset, voce non dissimili prolata, territus confestim in salum se submersit. Hæc piscator de Tritone, sine homine marino, cupidis audiendi, compto ordine ac sermone, hodierna die enarrat.

Deinde paucis ab hinc annis, non (4) procul a Lunæ promontorio, vt nobis retulit Ferdinandus Aluarus, domus Indicæ scriba, vir integræ fidei, qui iuxta illud litus rusculum habebat, cuique vicinus erat vir probus, minimeque fallax, is enim vicinus persæpe, piscandi gratia, se in quosdam litoris scopulos conferebat. Ibi cum negotium die quadam feliciter succederet (vt Ferdinandus ab eo ore tenus accepit) pisces quos hamo capiebat, a tergo sui in aridum scopuli anfractum,

(1) Cfr. Plín., *Hist. Nat.*, Lib. v, C. 4.
(2) C. tem *medius*, sem razão.
(3) C. traz *repente*, forma preferível.
(4) HI. em lugar de *non* escreve uma fórmula estranha: *hãc*.

rochedos do Promontório Bárbaro, perto da capela de Nossa Senhora; inesperadamente saltou para um rochedo um tritão macho, com a barba comprida, longos cabelos, peito crespo, rosto não muito disforme, e aspecto perfeitamente humano. E tendo êle estado um pouco a aquècer-se ao sol e a observar o homem que também atentamente o examinava, de repente, tomado de mêdo, dando um grito, com voz quási semelhante à voz humana, precipitou-se rápido no mar. É isto o que o pescador conta ainda agora, com muita ordem e belas palavras, a todos os que o querem ouvir.

Mas há mais. Fernando Alvares, escrivão da Casa da Índia, homem de tôda a confiança, tinha na praia do Promontório da Lua uma propriedadezinha, e era seu vizinho um camponês, sério e digno de crédito. Ora o escrivão contou-me que, há poucos anos, não longe do mesmo Promontório, o tal vizinho, ia, muitas vezes, a uns rochedos da praia para pescar. Um dia, (como o Fernando ouviu directamente da bôca dêle), estando a pesca a correr bem, começou a atirar os peixes, que apanhava, para trás, para uma cavidade enxuta da rocha. Ali ficariam mais seguros!... Assim ia êle fazendo, quando deu por um garoto, ainda moço, que por ali andava nu. Não fêz caso; porque, comos os habitantes dos arredores costumavam ir nadar para aqueles sítios, julgou que se tratava de algum dêles. Entretido na pesca, nem lhe falou; mas, pondo-se a olhar mais atentamente, viu

quo tutius asservarentur, proiiciebat. Quod quidem persæpe inculcans, interdum nudum adolescentem, imberbemque per anfractum conspiciebat. Attamen cum in illo loco circumvicini incolæ frequenter (1) nare consueuissent, credebat ex iis aliquem forte esse: cui, cum intentus piscationi esset, nihil verbi faciebat. Tandem intentius animaduertens, adolescentem pisces manu capere, & ad os deductos edere inspicit. Qua re commotus occurrit hominem petiturus. Qui violento cursu, cachinnans, ridensque, in fugam sese proripuit, pelagoque vrinans sese submersit.

Eodem ferme tempore, e regione Vrbis, pelago interiecto non procul ab oppido quod *Barrerium* nostri nominant, iuxta Alfonsi Alboquerci (2), viri patricii, villam similis formæ hominem marinum exanimem æstus maris in litus eiecit. Præterea in antiquis regni archiuis, quibus ego ipse præsum, extat adhuc compositionis Chirographum vetustissimum inter regem Alfonsum tertium & Pelagium Petreium, equestris ordinis Diui Iacobi magistrum, transactæ, qua decretum fuit, non Magistro ordinis, sed Regibus deberi vectigal syrenum, aliarumque belluarum in ipsius ordinis litoribus captarum. Vnde facile colligitur syrenes, cum de eisdem lex lata fuerit, frequentes olim in nostris æquoribus fuisse. Sed hæc hactenus de Tritonibus, Nereidibus, Syrenibusque dicta sufficiant.

(1) C. escreve: *fræquenter.*
(2) H. I. tem *Albuquerci;* C. tem *Albuquercii.*

que o rapaz apanhava os peixes e, levando-os à bôca, comia-os... — Não; isto já era demais!... E, foi a correr contra o garoto; mas êste, rindo-se às gargalhadas, fugiu, e, saltando para o mar, andou à tona e desapareceu.

Quási por êsse mesmo tempo, em frente da capital, na outra banda do rio, não longe da fortaleza que os nossos chamam Barreiro, junto a uma quinta do fidalgo Afonso de Albuquerque, o mar atirou para a praia um homem marinho, com o mesmo aspecto, mas morto.

Ainda há mais. Nos arquivos antigos do Reino, a cuja cabeça me encontro, existe um manuscrito antiqüíssimo, que é um contrato entre o rei Dom Afonso III e o mestre dos Cavaleiros de São Tiago, Paio Peres; nêsse documento se determina que o tributo das Sereias e dos outros animais, pescados nas praias da mesma Ordem, se devia pagar, não ao mestre da Ordem, mas aos Reis. Donde se colige fàcilmente que as sereias eram freqüentes nas nossas águas, visto que àcêrca delas se promulgou uma lei.

Já basta; não vale a pena continuar a falar de tritões, nereidas e sereias, e reatemos o fio do discurso.

Como há pouco dissemos, nada nos consta ao certo, quanto à origem e causa do nome da cidade de Lisboa. Também não vimos, nos autores gre-

Ceterum, vt ad institutum reuertamur, scire oportet, vt paulo antea diximus, nobis de nominis vrbis Olisiponis origine, & causa, nihil certi constare, immo nec quicquam, quo [1] ad ipsius pristinam memoriam spectet, nec item ad res in ea olim gestas, inter Græcos, Latinosque authores [2] reperire potuisse, cum minime dubium sit [3] in ea ciuitate, in qua hodierna die tot elogia, epitaphiaque latinis characteribus, lapidibus exculpta extant, in ea ipsa, multa & præclara facinora transacta priscis temporibus etiam fuisse, quibus nostrum hoc commentarium ornare, lustrareque valuissemus.

Sed cum illa omnia, vt ratione [4] licet credere, temporum iniuria potius, quam scriptorum incuria forte periissent, ex nostris tantum Lusitanicis annalibus, cum altius nihil, quod minime fabulosum videatur, repetere audeamus, exordium faciemus, & post illam miserandam cladem qua ferme vniuersa Hispania a Mauris occupata Christi fidem deseruit, quomodo iterum ipsa Olisipo Christo initiata fuerit, demonstrabimus. Quæ res sic se habuit. Cum olim assiduis incursionibus Mauri Hispaniam impeterent, pii ac Christiani homines vndique opitulandi gratia eo confluebant, Regibus suam operam offerentes. Accidit tunc inter alios

(1) Deve ser *quod.*

(2) *Auctores.*

(3) Em frase de latim clássico ficaria: *Cum minime dubium sit quin in ea... fuerint...*

(4) *Ratione.* Cfr. nota 5, pág. 21.

31

gos e latinos, coisa digna de nota, a respeito da sua história antiga, ou dos feitos nela praticados em tempos idos, embora não haja dúvida de que, na cidade onde se encontram, nos nossos dias, tantos elogios e epitáfios, em latim, gravados na pedra, tenha havido, em épocas antigas, muitos e grandiosos feitos, com que se pudesse ilustrar e ornar êste meu trabalho. Mas tôdas essas coisas, como é legítimo supor, pereceram e desapareceram, talvez mais por desgasto do tempo do que por descuido dos homens.

Começaremos, portanto, a tratar do assunto, indo buscar matéria só aos nossos anais portugueses, para não contarmos lendas ou coisas que o pareçam; e veremos, como, depois da triste calamidade em que quási tôda a Hispânia, ocupada pelos mouros, abandonou a fé cristã, a cidade de Lisboa regressou à mesma fé.

Como os mouros atacavam outrora a Hispânia com freqüentes incursões, acorriam a ela, vindos de tôda a cristandade, homens cheios de fé, com intenção de prestar auxílio aos reis e oferecer-lhes o seu esfôrço.

Ora sucedeu que, em dada altura, veio, entre outros, em socorro do rei Afonso de Castela, eleito imperador, o conde Dom Raimundo de Tolosa; trazia por companheiro e amigo, para esta expedição, um filho de sua irmã, o conde Dom Henrique.

D. Raymundum Tolosatium Comitem ad Alfonsum Castellæ Regem, electum imperatorem, subsidio venisse: (1) cui Henricus eius ex sorore nepos, huius expeditionis comes, fidissimus fuit. De cuius Henrici ortu, inter authores (2) non satis conuenit. (3) Nam Castellani scriptores eundem Constantinopoli natum esse aiunt (4) Galli autem ex Lotharingia promanasse asserunt, nostri vero ex Hungaria originis seriem deducunt. Attamen nulla certa ratione omnes, id quod dicunt, demonstrant, qua nos quicquam audacter confirmare possimus.

Ceterum ob ingentia istorum principum merita, Alfonsus Rex Raymundo Orracam, Henrico vero Therasiam, filias in matrimonium collocauit. Et quidem Henrico, & Therasiæ Portugalliæ comitatum in dotem dedit, cuius prouinciæ eo sane tem-

(1) Damião de Góis devia ter construído a frase, visto tratar-se de um facto, em bom latim, não com oração infinitiva, mas com *quod*. Além disso seria preferível construir, em lugar de *ad* e acusativo, o verbo *venire* com dativo. A frase deveria ficar em latim mais escorreita dêste modo:

«Accidit quod tunc inter alios D. Raymundus Tolosatium comes Alfonso Castellæ Regi, electo imperatori, subsidio venit.

Poderia ainda construir com *ut: «Accidit ut tunc*. . (como atrás) ... *venerit*».

(2) *Auctores.*

(3) Esta frase não parece correcta. Deve ser assim: «*De cuius Henrici ortu, inter se auctores non satis conveniunt.*»

(4) H. I. e C. escrevem: «*eundem Constantinopolitanum esse aiunt*».

Puseram *tanum* por *natum.*

Não são concordes os autores àcêrca do lúgar do nascimento de Henrique. Os escritores castelhanos dizem que êle nasceu em Constantinopola; os franceses afirmam que é oriundo da Lorena; os nossos dão-lhe por berço a Hungria. Todavia, nem uns nem outros demonstram com razões seguras as suas afirmações, de modo que possamos admitir o facto sem sombra de dúvida. O que é certo é que o rei Afonso de Castela, lhes deu as filhas em casamento: a Raimundo, Urraca; a Henrique, Teresa. Deu também a Henrique e Teresa, em dote, o condado de Portugal, cuja parte principal estava então na posse dos mouros. De Teresa recebeu Henrique um filho, ao qual puseram o nome de Afonso.

Afonso, depois de muitos e preclaros feitos, levados a cabo em favor da fé cristã, indo combater contra cinco poderosíssimos reis mouros, nos Campos de Ourique, perto de Castro Verde, foi eleito, aclamado e jurado rei pelos soldados no próprio acampamento. Queria êle opor-se, mas todos à uma clamavam que não convinha que homens guerreiros fôssem travar combate tão difícil contra reis tão famosos, a não ser sob a bandeira real. Assim se fêz, e os cinco reis mouros foram derrotados num só combate.

Escrevem os nossos historiadores que, antes de entrar na refrega, Afonso vira no ar a Cristo, posto na Cruz; que o senhor lhe prometera a vitória mas o rei, inflamado pela fé, respondera

pore præcipua pars a Mauris occupabatur. Ex Therasiæ Henricus Alfonsum suscepit. Is Alfonsus post multa, & præclara facinora pro Christi fide acta, cum quinque potentissimis Regibus Mauris in campis Oriciensibus apud Castrum Viride conflicturus, quos vnico prælio deuicit, a suis militibus, in ipsis castris, vnico temporis momento, Rex electus, creatus, iuratusque fuit, & quidem reluctans, id contumaciter cunctis asserentibus, non decere strenuos milites, tam arduum, contra præclaros reges prælium inire, nisi sub regum vexillo. Affirmant nostri Scriptores, ipsum Alphonsum, antequam prælium iniret, Christum in cruce appensum in æthere conspexisse, ei victoriam pollicentem, atque ducem fide flagrantem ita respondisse: Domine, cum certo sciam, te filium Dei esse, mundique verum Seruatorem, non est quod te mihi demonstres. Vade ergo, inquit, hostibus tuæ religionis te ea lege ostende, vt nos tantis malis careamus, ipsique credant, cognoscanque (1) tua tui solius nece, (2) mundum vivere, & saluum esse. (3)

(1) H. I. traz também *cognoscanque*, mas C. traz, como deve ser, *cognoscantque*.

(2) C. suprime a palavra *tua*.

(3) Damião de Góis tem a mesma idéa que se encontra na *Chronica* de Duarte Galvão que escreve: «*E quando foy hũa mea ora ante manhãa..., o principe... vio nosso senhor em cruz... e adorouho... dizendo: Senhor, aos herejes, aos herejes faz mester apareceres, ca eu sem nenhũa duuida creo e espero em ti firmemente.*» (Cfr. Dr. José Maria Rodrigues, *Fontes dos Lusíadas*, no Instituto, t. 42, pag. 427).

Camões leu sem dúvida êste passo de Duarte Galvão

assim: «Eu creio firmemente que Vós sois o Filho de Deus e verdadeiro Salvador do Mundo; por isso não é preciso que a mim Vós mostreis. Ide, mostrai-vos aos inimigos da nossa religião, para nós não sofrermos tamanhas desgraças e para êles acreditarem em Vós e conhecerem que, só com a Vossa morte, o mundo vive e se salva».

Em memória dêste milagre, mandou Afonso pôr no seu escudo, que até então era de côr branca, cinco escudetes azúis, para lembrar os cinco reis vencidos, e dispôs, em cada um dêles, cinco pontos brancos, em ordem quincuncial, para significar as cinco chagas de Cristo. E desde essa época, os reis de Portugal aceitaram e receberam êsse símbolo com tôda a veneração; e beijam-no e conservam-no com as honras devidas, por causa do seu glorioso significado. Ainda existe nêsses sinais outro sentido maravilhoso, digno de saber--se: somando o número dos cinco escudos com o número dos pontos brancos nêles pintados, temos o total de trinta, que são os trinta dinheiros com que Judas vendeu aos judeus o próprio Cristo, Salvador do Mundo. Por isso, os reis portugueses, depois daquela vitória tão extraordinária adoptaram para a sua bandeira o simbolismo glorioso e misterioso dêsses sinais. E assim como Cristo no--los concedeu milagrosamente, assim nós, em retôrno, guiados por êles e militando sob a sua protecção, propagámos e dilatámos, com o nosso esfôrço e actividade, através do mundo inteiro, mais

Ob quod miraculum scuti basi, quod albi duntaxat coloris tunc temporis Alfonsus ipse gestabat, quinque cæruleos clypeos, pro deuictis quinque regibus; clypeisque cunctis, in Christi plagarum memoriam, quinque alba puncta, quincunciali ordine Rex ipse subnexuit. Quibus signis ab eo vsque tempore Lusitaniæ Reges summa cum reuerentia vtuntur, eaque continuo ob mysteriorum gloriam omni debito honore deosculantur, amplectunturque. In quibus illud etiam mysterii, scitu dignum, inest, quod si quinque præfatis clypeis, numerum omnium punctorum adiungas, rationem triginta denariorum reperies. Quo quidem pretio orbis Redemptor Christus a Iuda Iudæis venundatus fuit. (1) Igitur assecuti sunt Lusitaniæ Reges, ex

---

e leu, talvez, o texto latino de Góis, ao escrever nos Lusíadas, (c. III, est. 45):

«A matutina luz serena e fria,
«As estrellas do pollo já apartava,
«Quando na Cruz o Filho de Maria
«Amostrando-se a Affonso o animava.
«Elle adorando quem lhe aparecia,
«Na fé todo inflamado assi gritava:
«Aos infieis, Senhor, aos infieis,
«E não a mi, que creio o que podeis.»

Não seria Damião de Góis também uma *Fonte dos Lusíadas?*

(1) Camões, III, 53-54, descreve as armas de Portugal desta maneira: Afonso

«... pinta no branco escudo ufano,
«Que agora esta victoria certifica,

ampla e mais eficazmente do que nunca, a fé do mesmo Cristo.

Mas tornemos ao nosso ponto.

Depois de o rei Afonso cercar Lisboa e de a atacar em luta que devia ter sido longa e dura, foi a cidade recuperada para a fé cristã, no ano de 1147, da era de Cristo.

Tomaram parte nesta guerra muitos homens que vieram de diferentes regiões da Europa para defender a religião. Não poucos morreram na refrega, sendo alguns até, por causa de milagres, tidos na conta de santos; entre estes, um, de nome Henrique, alemão de origem, nascido em Bona, — povoação nas margens do Reno, não longe da Colónia.

Pelos merecimentos e intercessão de Henrique, dignou-se Deus fazer muitos e notáveis milagres, como testemunham os nossos anais.

Quando reinava Afonso, poucos dias depois da tomada de Lisboa aos mouros, foi trazido do Promontório Sacro (1), onde esteve escondido largo tempo, o corpo do mártir São Vicente, para o

---

(1) O Promontório Sacro é a *Ponta de Sagres* ou *Cabo de São Vicente*.

tam insigni victoria, ea signorum tam gloriosa mysteria. Quæ signa vt cælitus a Christo concessa fuere, sic ipsis ducibus, nobisque sub eis militantibus, ipsius Christi fidem (1) in immensum per vniuersum orbem, longius, latiusque quam vnquam fuit, nostraque industria, & labore propagata, euulgataque hodierna die est.

Porro, vt ad scopum reuertamur, cum Olisipo ab hoc rege Alfonso obsideretur, & bello diu præliando, confligendoque oppugnaretur, Christi Fidei (2) anno ipsius Christi natalis 1147 restituta fuit. Cui bello etiam nonnulli peregrini milites ex variis Europæ partibus religionis causa interfuere, quorum non pauci dimicando desiderati sunt.

«Cinco escudos azues esclarecidos
«Em sinal destes cinco Reis vencidos.»

«E nestes cinco escudos pinta os trinta
«Dinheiros, por que Deos fora vendido,
«Escrevendo a memória em vária tinta
«Daquelle de quem foi favorecido:
«Em cada um dos cinco cinco pinta,
«Porque assi fica o numero comprido:
«Contando duas vezes o do meio
«Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.»

Como se vê, Camões diverge de Góis na contagem dos *trinta* dinheiros: Camões diz que se somam os pontos, em cruz, dos cinco escudos, «contando duas vezes o do meio»; Góis, para fazer o número trinta diz que ao número dos escudos (5) se juntam os pontos de cada escudo ($5 \times 5 = 25$).

(1) A palavra *fidem*, que se enconta em tôdas as edições que cotejámos, não tem desculpa; deve ser *fides*.

(2) C. traz, sem razão plausível, *fides*.

arco da Sé, onde agora repousa e é venerado com grande piedade. O nosso Rèsende cantou o facto em magníficos e solenes versos latinos.

Em frente, está o sepulcro do rei Afonso IV; — daquele rei que, no ano de Cristo 1340, levou valoroso auxílio a seu genro, Afonso, rei de Castela, contra o poderosíssimo rei mouro Alboacem, e assistiu, como chefe, à crudelíssima batalha, junto ao rio Salado, alcançando gloriosa vitória; por isso, o rei português obteve do povo o cognome de Vencedor do Salado. Êste feito deu-me o prazer de deixar aqui arquivado o nome do rei vencedor.

Perto da Sé, um pouco mais abaixo, para o ocidente, atravessando uma praça, levanta-se a capela de Santo António, que chamam de Pádua. É obra de construção admirável e maravilhosa elegância, e fôra outrora moradia dos pais do Santo, onde êle também nasceu e se criou.

Ufana-se a cidade de Lisboa por ser o berço de Santo António, e ufana-se com razão; porque êle com aplauso do povo fiel, foi incluído no número dos santos, e porque Deus, confirmando, com o sêlo dos milagres, o parecer unânime dos fiéis cristãos, fêz que se tornasse conhecido do mundo inteiro o nome de António e que a sua memória fôsse engrandecida e apregoada por tôda a parte e por tôda a gente.

Nec defuere qui, ex iis miraculorum argumentis, loco sanctorum habiti sunt, inter quos quidam Henricus fuit, natione Germanus, Bonnæ natus (oppidum est ad ripam Rheni non procul a Colonia Agrippina constitutum) cuius Henrici meritis Deus multa, & præclara miracula dignatus est facere, vt nostri annales testantur. Hoc Rege Alfonso regnante, non multis diebus post expugnatam Olisiponem, corpus D. Vincentii Leuitæ & Martyris in ipsam vrbem, ex sacro promontorio, vbi diu latuit, relatum est, & in fornice summi templi, summa cum reuerentia hodierna die asseruatur. Quam rem diffuse Resendius noster graui carmine prosequutus est.

E regione cuius monumenti, Alfonsi quarti regis sepulchrum extat, eius inquam, qui anno Christi 1340 Alfonso Castellæ Regi suo genero luculentum contra Alboacem Maurorum potentissimum Regem subsidium tulit, cruentissimoque ad flumen Salsum prælio, aduersum eundem Alboacem præfuit, & gloriose victor, cognomen ad Salsum victoris vulgo obtinuit. Ob quam causam ipsius Regis mentionem non displicuit nobis hoc in loco facere.

Ad radicem vero huius summi templi, paulo inferius Occidentem versus, interposita platea, sacellum Diui Antonii, quem Paduanum vocant, admirabili structura, & mira elegantia elaboratum, sese nobis offeret, (1) olim ipsius diui Antonii pa-

(1) Deve ser *offert*, como escrevem H. I. e C.

Sôbre a capela (1) está a casa municipal ou cúria urbana, de cuja constituïção e regime poderíamos contar muitas coisas notáveis, se isso não fôsse alheio ao nosso propósito.

Mas voltemos ao ponto que nos interessa.

A antiga cidade de Lisboa ocupava apenas uma colina elevada que se prolongava até à margem do Tejo. Hoje a extensão da cidade abrange vários montes e vales, cuja parte mais importante e mais célebre fica ao oriente. Aqui o mar, depois de receber as águas do Tejo, dilata-se num estuário de seis mil passos de largura.

Do lado oposto, formam-se duas baías: uma, refegada para o interior, em direcção ao norte, comunica diàriamente por mar com uma aldeia, bastante povoada nos nossos dias, chamada Galega; outra, desviada um pouco para o sul, também tem navegação diária para a aldeia de Coina. Um pouco mais abaixo destas povoações está a fortificação de Almada, situada na extremidade do braço que a baía de Coina, em circuito tor-

(1) Damião de Gois diz: «*Sôbre o epistílio da capela*», o que não faz sentido. Quererá êle dizer: *sôbre o côro da capela?*

rentum habitaculum, in quo quidem ipse natus, educatusque fuit, ex cuius natalibus non mediocriter sese vrbs Olisipo extollit, & merito quidem est, cum inter cælites tam digne omnium Christianorum consensu sic annumeratus relatusque sit, vt Deo totius Christiani populi sententiam miraculorum fide confirmante, ipsius beatissimi Antonii nomen per vniuersum Orbem cognoscatur, & reuerenter vbique gentium ab omnibus eius memoria colatur, celebreturque. Super cuius (1) sacelli epistylium domus ciuica, seu vrbana curia constituta est. De cuius ordine, serieque regiminis multa & præclara dicere potuissemus, si id alienum a nostro instituto non videretur. Quamobrem ad ea quæ polliciti sumus redeamus.

Igitur antiquæ vrbis Olisiponis situs collem excelsum, ad Tagi ripam deductum vsque, antiquitus solummodo occupabat, nunc vero plures montes, ac valles magnitudine amplectitur. Cuius potissima, celeberrimaque pars Orienti opposita est: qua potissimum parte, suscepto iam Tago, pelagus in latitudinem millia passuum sex patet. Ex aduerso latere duo sinus efficiuntur: quorum vnus aquilonem versus introrsum redactus ad frequentem hac tempestate vicum Gallecum nomine, alter vero ad meridiem paulum deflexus, ad vicum Conam quotidianas habent navigationes. Ab eodem vero latere paulo inferius, oppidum Almada situm est, in extremo frontis, quam conensis (2) sinus obli-

(1) H. I. e C., com menor elegância, dizem, *eius*.
(2) H. I. e C. têm *cornensis*.

tuoso, estende para o mar; por isso, neste ponto, torna-se menor a largura da enseada, reduzindo-se a distância dali para Lisboa a menos de quatro mil passos.

A margem, dêsse lado, descendo quási a pique sôbre o mar, forma um espinhaço arqueado, que se dirige, para o sul, até ao Promontório Bárbaro (1). Entre os recôncavos dessa margem, há passagens inacessíveis e sinuosas, espécie de baixios. Ora é precisamente ali que os homens vão procurar o oiro, misturado com a areia, sobretudo no lugar que chamam Adiça (2), embora também se encontre noutros sítios, ao longo da margem do Tejo. O facto já era conhecido dos antigos, pois alguns autores escreveram que o Tejo tinha abundância de oiro e pedras preciosas.

Passando do Promontório Bárbaro para o litoral do Tejo, do lado de cá, vemos, ao poente, avançando para o oceano, o Promontório da Lua, onde começava o domínio dos antigos Túrdulos. Costumam dar a êste sítio o nome de praia velha.

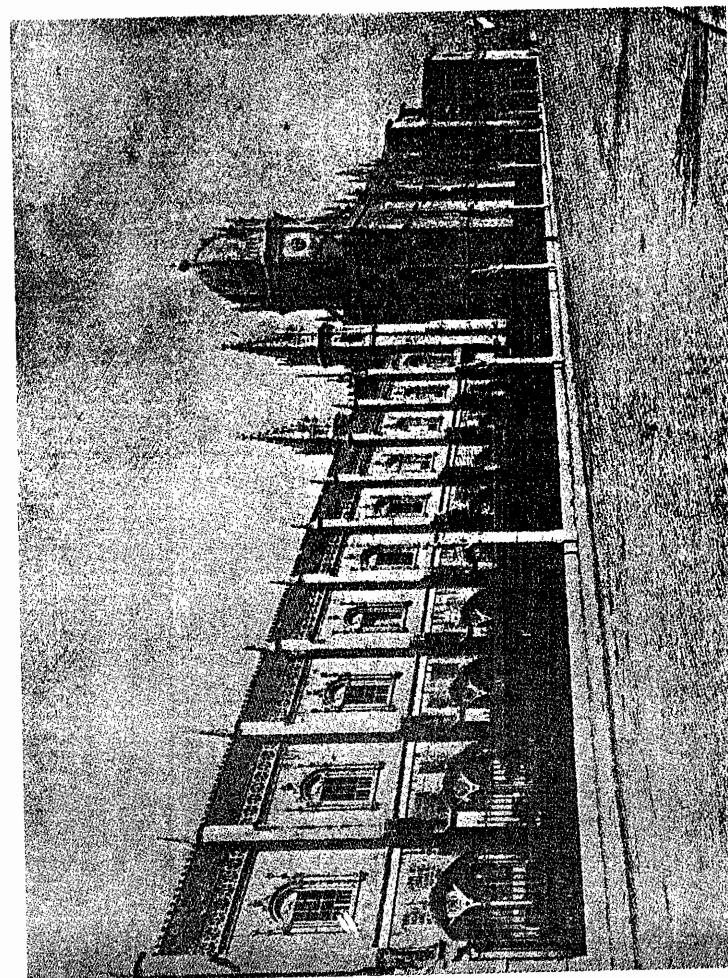
Mais para dentro, a pequena distância, no extremo da abertura do estuário de Lisboa, assen-

(1) Promontório Bárbaro é o Cabo de Espichel.
(2) Adiça, lugar entre a Caparica e o Cabo Espichel, onde havia uma mina ou gruta.

quo circuitu emittit. Quo quidem loco pelagus a licentiosa sinus vastitate paulo coarctatur. Illincque ad vrbem traiectus est passibus paulo minus, quam millibus quatuor. Ripa vero lateris eius fere præcipitio in mare descendens, ac dorso in arcus similitudinem ad meridiem sese inclinans ad Barbarium promontorium extenditur. Mediis his anfractibus sinuosa, devia, quasi syrtes intersunt; in quibus aurum arenis involutum nostri conquirunt, eo præcipue loco quem Addiciam nuncupant: quod item plerisque locis in ipsa Tagi ripa fieri consueuit. Nec a veterum sententia discrepat, (1) qui Tagum auro, gemmisque affluere scripserunt. (2) Ab hoc rursus Barbario promontorio, ad citeriorem litoris partem, quæ occasui subjecta est, in mare progreditur Lunæ promontorium, a quo ingenti flexu, veterum Turdulorum fines exoriuntur. Quod litus in hanc vsque ætatem, a nostris, vetus appellari consueuit. Interius non magno deinde interuallo, in extimo Olisiponensis sinus ostio, fanum Virgini Matri, quam Ductricem appellant, dicatum in scopulis inspicitur, vbi nocturnis facibus accensis navigantibus iter noctu præmonstratur, ne locorum ignari ad vada, scopulosque vicinos, naves allidere cogantur. Interiora legenti, aquilonem versus, oppidum Cascalle situm est, quo naves onerariæ in anchoris consistentes, accedente

(1) C. diz, com razão, *discrepant*.

(2) Veja-se o que diz, por exemplo, o antigo Plínio: «*Tagus auriferis harenis celebratur*». (Lib. IV, cap. 22).



Mosteiro dos Jerónimos em Belém

ta sôbre cachopos uma ermida, dedicada a Nossa Senhora, chamada da Guia. À noite, acendem ali uns fachos para indicar o trajecto aos mareantes, não seja caso que êstes, por não lobrigarem a passagem, arremessem, contra vontade, as naus para os baixios e rochedos.

Costeando dali para o interior, na direcção do norte, dá-se com a fortaleza de Cascais, onde as naus de carga, ancoradas em porto amplo e seguro, esperam a maré e a monção.

A pequena distância, pelo rio acima, há uma baía, em forma de cotovelo, em cujo vértice edificaram a capela de São Julião, e, mais ao alto, outra, dedicada a Santa Catarina.

Da mesma banda, seguindo para Lisboa, fica sôbre a praia o fortim de Belém. Ergue-se ali um templo grandioso, de incrível sumptuosidade e magnificência, consagrado a Santa Maria, com um mosteiro dos religiosos que professam a regra de São Jerónimo. No interior mandou o rei Dom Manuel construir para si um mausuléu. Seu filho, o rei D. João III, que hoje felizmente reina, ordenou que se fizesse uma ampliação do monumento que ainda anda em obras. A êste respeito podem ler-se no arco, em grandes letras, dois famosos dísticos do nosso Rèsende, os quais me apraz deixar aqui, porque os numerosos estrangeiros que lá vão os têm em muito aprêço:

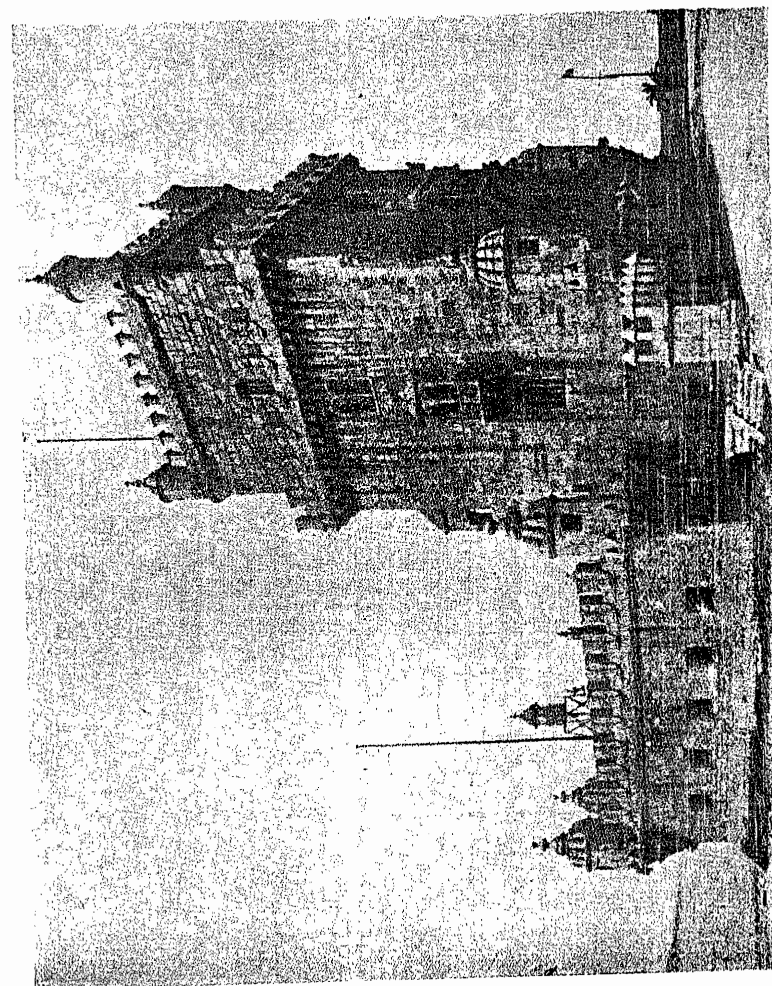
maris æstu auram operiuntur, (1) portu vadoso alioqui, & anfractuoso. Modico inde interuallo, aduerso etiam flumine, sinus in cubiti formam efficitur, in cuius fronte sacellum est Divi Iuliani, supra quod aliud Divæ Catharinæ sacrum. Tum eodem latere obliqua ripa, propius ad vrbem accedenti, Betheleem oppidulum, & ibi templum ingens Divæ Virgini dicatum vna cum cænobio monachorum, qui divi Hieronymi vitæ institutum professi sunt, sese offert, incredibili sumptu, ac magnificentia constructum, diui Emmanuelis regis monumentum, quod dum viueret, sibi ipse designauit erexitque: magnam tamen ipsi operi ad cessionem (2) Ioannes tertius Emmanuelis filius, qui nunc feliciter regnat, & fecit, & facere non cessat.

De qua re extat ibi in arcu celebre Resendii nostri bessalibus literis tetrastichon, quod quia a multis externis hominibus eo ad cedentibus describitur, ponere non gravabor.

Vasta mole sacrum divinæ in litore Matri,
Rex posuit Regum maximus Emmanuel.
Auxit opus hæres Regni & pietatis, vterque
Structura certant, Religione pares.

Tvrris vero ex aduerso quatuor tabulatorum extat, quadrato extructa saxo, quam iactis (3) in

(1) Tôdas as edições escrevem *operiuntur* em lugar de *opperiuntur*.
(2) H. I. e C. dizem *accessionem,* assim como, abaixo, *accedentibus*.
(3) H. I. tem *ictis*.



Tôrre de Belém

Vasta mole sacrum Divinæ in litore Matri
Rex posuit regum maximus Emmanuel.
Auxit opus hæres regni et pietatis; uterque
Structura certant, religione pares. (1)

Na parte fronteira do templo, levanta-se uma tôrre de quatro andares, feita de cantaria, que Dom Manuel mandou edificar sôbre rochas, lançadas no mar, de maneira que, cercada de água por todos os lados, ficasse mais segura contra qualquer violência e ataque súbito dos inimigos; nem os navios poderiam aproximar-se da capital se os que estavam de guarda na tôrre não consentissem.

Daqui até à primeira extremidade de Lisboa corre a distância de três mil passos. Por todo êste trajecto são dignas de ver-se muitas construções de quintas suburbanas, de admirável elegância e aprazimento. Também há campos e pastios, além de grande quantidade de fruta de tôda a espécie, agradável à vista e muito saborosa.

Se eu pretendesse descrever tudo o que existe no âmbito da cidade, seria arrastado para mais

---

(1) «O rei Manuel, o maior dos reis, edificou na praia um templo grandioso, dedicado à Mãi de Deus. O seu herdeiro, herdeiro do reino e da piedade, ampliou a obra. E, sendo êles iguais na fé, andam à porfia por causa do monumento.»

mare molibus, ipse etiam Emmanuel Rex inædificari curauit, vti salo vndique circun data, ab omni subita hostium vi, & impressione, tuta redderetur: nullæque naues iis inuitis, qui turris præsidio impositi sunt, propter angustias ad vrbem propius auderent accedere. Hinc autem primum vrbis cornu trium millium passuum interest spatium, quo excursu crebra villarum suburbanarum ædificia, mira elegantia, & amœnitate constructa licet cernere, rura item, ac pascua, præter maximam omnis generis fructuum copiam, summam etiam pulchritudinem, ac iucunditatem ipso aspectu præ se ferentia.

Quod si singula, quæ in vrbis ambitu insunt, persequi vellem, res profecto me longius quam oportet distraheret. Quapropter ab instituto non longe discedamus. Vrbis igitur Olisiponis initium, ab hac parte, qua meredìem respicit, vetus regia amplissima, magnificoque opere pulcherrima, efficit, quam ad Sanctos (1) nostri nuncupant (2).

Nomen inditum loco, quod longo temporis spatio corpora Sactorum martyrum Verissimi, Maximæ, ac Iuliæ ibi recondita fuerint, donec sub Ioanne Rege, eius nominis secundo, translata alio fuere (3). Qui quidem diui, dum Christum Dei filium orbisque Seruatorem constanter profiterentur, sub Romano præside, Olisipone passi sunt. Inde

(1) C. escreve: *quam Sanctos...*, suprimindo *ad*.

(2) H. I. traz *nuncupavit*.

(3) Em 5 de Setembro de 1490 foram trasladados para o Mosteiro de Santos-o-Novo.

longe do que convém; por isso não quero afastar-me mais tempo daquilo que me propus.

A cidade de Lisboa, pelo lado sul, começa no Paço Velho de Santos (1), — fábrica sumptuosa e magnífica. Veio-lhe o nome de ali terem estado guardados durante longos anos os corpos dos Santos Mártires, Veríssimo, Máxima e Júlia, até serem trasladados para outro local, no reinado de Dom João II. Êstes santos, por confessarem firmemente que Cristo era filho de Deus e Salvador do Mundo, sofreram o martírio, em Lisboa, por ordem do prefeito romano.

Deixando o Paço Velho, por um caminho tortuoso, empedrado, e descendo pouco a pouco, vai dar-se ao convento das freiras de Nossa Senhora da Esperança (2); indo pelo mesmo caminho, sobe-se ao monte fronteiro, em cuja ilharga, do outro lado, está a capela dedicada a São Roque; depois, seguindo a mesma direcção, baixa-se para um vale muito ameno, junto aos muros da cidade, com jardins e pomares, o qual antigamente recebeu o nome de uma capela de eremitas, dedicada a Santo Antão; mas agora, depois dos frades terem de lá saído, chama-se da Anunciação de

(1) Era no local onde se encontra actualmente a Legação de França, na Calçada do Marquês de Abrantes. Damião de Góis, já no seu tempo, lhe chamava *velho*.

(2) Quási ao fundo da actual Avenida do Presidente Wilson, que antes se chamava Avenida das Côrtes.

obliquo aggere, saxoque constructo ad Vestalium templum, cui diuæ Mariæ spei nomen est, per cliuum sensim depressum, itur: vnde rursus eadem via in aduersum montem conscenditur, cuius in tergo, sacellum diuo Rocho nuncupatum conspicitur.

Eodem deinceps tractu in vallem amœnissimam, mœnibus vrbis contiguam, hortisque vndique consitam, est descensus: quæ a sacello Eremitarum, Diuo Antonio consecrato, nomen olim sumpsit. Nunc vero iis exclusis ab Adnunciatione Angelica Deiparæ Virgini facta, nomen habet, & a Vestalibus Dominicani instituti inhabitatur. Mox pari accliuitate collis nascitur, densissimo oliveto obsitus, vt non facile introrsus inspici possit. A superiori vero parte apertus, & sacello Diuæ Annæ recens dicato ornatus, quod summa cum religione, & reuerentia, magna item populi frequentia, ab omnibus hodie visitur, & colitur. Ab hoc subinde per agrum compascuum, leprosaria, foroque boario interiectis, in aliam vallem non minus fertilem, iucundamque deuenitur. Quae (1) Maurusia nuncupatur, ex eo quod post recuperatam de Saracenis vrbem, eo loci permissi sunt Mauri habitare. Cuius sinistram partem, quæ ad Septentrionem vergit, vbi campi diuæ Barbaræ incipiunt, Angelorum sacellum diuidit. Supra vallem hanc Orientem versus, mons excelsus imminet recto, difficilique ascensu, a quo fanum Diuæ Mariæ Montanæ quod

(1) C. escreve: *deuenitur, quae...*

Nossa Senhora, e é habitado pelas religiosas dominicanas (1).

Dali nasce uma colina com um olival tão denso que a vista mal pode penetrar lá dentro. Aberto na parte superior, tem uma capela, que há pouco foi dedicada a Santa Ana, e é visitada por grande afluência de fiéis, por nela se exercer o culto com grande religião e piedade (2).

Daqui, através de um campo de pastio, passando a leprosaria e a feira do gado, chega-se a outro vale, não menos fértil e aprazível, a que chamam a Mouraria, porque, depois da cidade ter sido tomada aos sarracenos, foi-lhes permitido viverem ali.

À parte esquerda, para o norte, onde começam os campos de Santa Bárbara, vê-se a capela dos Anjos (3). Acima dêste vale, para o oriente, ergue-se um monte alto, de íngreme ladeira, que deu o nome ao templo de Nossa Senhora do Monte que no alto se encontra.

Descendo dêste sítio, com pequeno desvio, quási em linha recta, entra-se outra vez no recinto da cidade, e depara-se-nos logo o templo dos fra-

(1) Conserva-se ainda agora o nome de Largo da Anunciada.

(2) Ainda existem vestígios desta nomenclatura na Calçada de Santa Ana, no Campo de Santa Ana, hoje Campo dos Mártires da Pátria.

(3) Conservam-se ainda uns restos dêsses campos no largo que o povo chama actualmente Largo de Santa Bárbara.

in summo montis culmine situm est, nomen accepit. Ab hoc præterea modico flexu, vtcunque directo itinere, ad vrbem reditur, statimque obuium fit templum vetustissimum Augustiniensium Monachorum, diuæ Virgini Gratiarum sacrum, introrsus eidem vrbis muro adhærens. Exinde porro præteritis ditissimo cænobio Vicentio Levitæ, & martyri dicato, Canonicorum diui Augustini, atque Gymnasiò non ita pridem celebri, antequam Rex Ioannes tertius illud Conimbricam transtulisset, ad ripam Tagi decurritur, quæ aquilonare vrbis cornu ab ea parte efficit. Qua parte amplissimum, nobilissimumque Vestalium diuæ Claræ cænobium ad fluminis crepidinem ferme attingit: indeque auerso itinere, Sacelloque diuæ uirginis Paradisiacæ interiecto, ad primum vrbis portam, quæ Crucis dicitur, iter est. Ab illo autem Claræ templo ad regiam veterem quam ad Sanctos [1] antea nominari diximus, vbi meridionale vrbis cornu posuimus, rectus margo, secundo mari ab Oriente æstiuo incipiens, in meridiemque excurrens, millia passuum tria ferme efficit. Eo igitur modo latus hoc vrbis mari alluitur, & reliquæ tres partes aditum habent a terra. Itaque collibus quinque, vallibus totidem feracissimis, & iucundissimis, vrbs tanto spatio complectitur, ita vt vniuersus eius ambitus septem millibus passuum designari possit. Certam autem eius formam, descriptionemque, facile delineari posse non arbitror, cum in solo mon-

(1) C. tem a mesma construção que acima. Cfr. pág. 40, nota 1.

des agostinhos, consagrado a Nossa Senhora da Graça, encostado, do lado de dentro, às muralhas.

Daqui, passando o riquíssimo mosteiro, dedicado ao mártir São Vicente, onde vivem os cónegos regrantes de Santo Agostinho, e deixando as Escolas Gerais, que não se afamaram antes de o rei Dom João III as ter transferido para Coimbra, vai dar-se à margem do Tejo, onde começa a ponta norte da cidade. Neste local, o grandioso e notabilíssimo mosteiro de Santa Clara alcança quási a margem do rio. Tomando o caminho oposto, deixando ao lado a capela de Nossa Senhora do Paraíso, entra-se na primeira porta da cidade, chamada porta da Cruz.

Desde o templo de Santa Clara até ao Paço Velho, que já dissemos chamar-se de Santos, onde fica a porta sul da cidade, indo de oriente para poente, ao longo do rio, pela margem direita, há a distância de uns três mil passos. Dêste modo, um lado da capital é banhado pelo mar; os outros três têm acesso por terra. A cidade, sentada em cinco colinas e outros tantos vales feracíssimos e agradáveis, abarca um espaço tal que o perímetro pode atingir uns sete mil passos. Não é fácil, porém, descrever a forma e figura de Lisboa, por assentar em solo montanhoso e desigual. Contudo, se alguém, desde Almada, que se encontra, como já referimos, na parte oposta da baía, fixando a vista em frente, considerar a situação e aspecto da cidade, verá que ela apresenta a figura de uma bexiga de peixe. Se o solo fôsse inteiramente plano, tomaria, do lado da terra, a forma de arco.

toso, asperoque sita sit. Nihilominus si quis ex oppido Almada quod contra in ulteriore sinus parte positum esse docuimus, rectis, immotisque oculis, vrbis situm figuramque velit contemplari, ab ea præsertim parte, qua in vrbem traiicitur, illam certe veram vesicæ piscis effigiem referre comperiet. Quod si solum omnibus ex partibus planum esset, a latere terrestri formam arcus demonstraret: interioris vero vrbis amplitudo, & magnificentia, tanta est, vt cum ceteris omnibus Europæ vrbibus, & hominum multitudine, & ædificiorum pulchritudine, & varietate, merito contendere possit. Domorum siquidem amplius quam viginti millia inesse constat. Earumque ingens multitudo, tam principum virorum, nobiliumque, quam etiam privatorum hominum, eleganter, & sumptu prope incredibili constructa est, adeo, vt etiam parietes intrinsecus, fornicesque, ligno Sarmatico vndique vestiti, vermiculato opere, auro, variisque coloribus adhibitis exornentur. In litore fontes quamplurimi ex diuersis vrbis partibus per ductus subterraneos oriuntur, e quibus populus aquationem facit. Eorum vnum Regium nominant, marmoreis columnis, ac fornicibus eximie constructum, sexque fistulis tanta aquæ copia profluentem, vt vnus vniuersæ hominum multitudini potum pene suppeditet. Hic autem saporis, & splendoris, & lenitatis præstantia, omnium fontium, quos vsquam me videre meminerim, aquam aut æquat, aut superat. Tepidam etenim cum effundat, paruoque ipsa post temporis momento resederit, tum purissima, frigidissimaque suauissime bibitur. Duo præterea fon-

A grandeza e magnificência do interior da cidade são tamanhas que, com razão, pode ela pleitear primazias com tôdas as capitais da Europa, tanto pelo número de habitantes, como pela beleza e variedade das construções, pois conta mais de vinte mil edifícios. Muitos dêles, quer de pessoas principais e nobres, quer de particulares, estão construídos com tanta elegância e sumptuosidade que mal se pode acreditar: paredes interiores e arcadas, cobertas, em tôda a extensão, com madeiras da Sarmácia; obras de talha; ouro; pinturas de várias côres.

No litoral, nascem muitas fontes, com canalizações subterrâneas para diferentes pontos da cidade, às quais os habitantes vão buscar água.

Uma delas, a fonte do Rei (1), tem uma construção admirável, com colunas e arcarias de mármore. Lança tal abundância de água, por seis torneiras, que ela só bastaria para dar de beber ao mundo todo. Esta mesma fonte, pela quantidade, pureza, sabor e leveza da água, iguala ou supera tôdas as fontes que me lembro de ter visto. Às vezes, mana água quente; depois, repousa breve espaço de tempo, e logo brota a água muito fresca, puríssima, que é um prazer bebê-la.

Perto daqui, nascem mais duas fontes. Duma, jorra água em borbotões, que vai correndo, depois, como um regato, para o mar. Se ela estivesse a

---

(1) É a fonte que ainda agora o povo chama *chafariz d'el-rei*.

tes haud ita procul emergunt maximis aquæ scatebris, in mare breui admodum fluxu prorumpentes. Quod si longiori distarent a mari interuallo, multæ frumentariæ molæ tanta aquarum vi atque impetu, quouis anni tempore facile agerentur. Ceterum lotricibus, alutariis, fulonicisque opificibus plerumque seruiunt. Non multo deinde interiecto spatio, portam Crucis versus, fons alius, aut vt verius dicam, stagnum emergit, qui Equorum dicitur, propterea quod per ænea statuarum equestrium labra aquam ore affatim vomentium instar fluuioli cursum tenet. Sunt denique diuersarum aquarum salientes fontes, puteique non pauci in omni parte vrbis, magnam ciuibus commoditatem afferentes. Quos omnes in præsenti sigillatim enumerare non huius instituti multum interesse videtur.

Ad reliqua igitur vrbis ornamenta breuiter, ac summatim delibanda veniamus. Atque vt antiquam in summa arce regiam, quæ in editiore vrbis parte posita est (opus ipsam antiquitatem vere repræsentans) omittamus, Olisipo septem in primis ingentibus ædificiis singulari Regum nostrorum consilio, sumptuque incredibili magnificentissime extructis, hoc tempore illustratur. Horum primum, vt a religione initium faciamus, Misericordiæ templum est, quadrato vndique lapide elegan-ter (1) extructum non infinito prædiorum censu, ac prouentibus annuis vberrimis, quemadmodum

(1) C. suprime *eleganter*.

44

maior distância, muitos moínhos ou azenhas poderiam, pelo ano fora, ser movidos com a fôrça desta corrente. Pelo menos, é de grande utilidade para as lavadeiras, curtidores de peles e apisoadores. A outra, está próxima desta, indo para a porta da Cruz: é, para melhor dizer, um tanque, chamado dos Cavalos (1), porque tem umas esculturas de cavalos, de cujos beiços de bronze, corre água em abundância, formando, ao sair do tanque, uma espécie de riacho.

Ainda se encontram, em vários sítios da cidade, outras fontes e poços de diferentes águas, para comodidade dos habitantes. Não vale a pena, porém, determo-nos mais a falar disto, e vamos percorrer, ao de leve e ràpidamente, outros monumentos que contribuem para embelezar a cidade.

Para não mencionar o antigo Paço do Rei, — obra que parece representar a própria antiguidade, — situado no cume da cidadela, que já de si está no ponto mais elevado da cidade, devemos dizer que Lisboa actualmente se engrandece por ter sete monumentos construídos, por ordem dos nossos reis, com incrível magnificência e sumptuosidade.

O primeiro, para começarmos pela religião, é o templo da Misericórdia. É de cantaria, construído com elegância. Mantém-se, não pela renda avultada dos prédios, nem por píngues somas anuais, como a maior parte das instituïções dos

(1) Era o antigo *chafariz dos cavalos*.

pleræque omnes nostræ ætatis basilicæ, sed sola optimatum, ac piorum hominum benignitate ita sustentatum, vt prope fidem superet, quantum in annos singulos ex collatitia stipe in pauperes impendant. (1) Huius qui curam gerunt, sodales, siue vt expressius dicam, fratres Misericordiæ nuncupantur, quibus propter & generis, & nominis claritatem, & summam etiam pietatis, probitatisque existimationem, negotium defertur. Siquidem illi omnes communi consilio, parique animorum voluntate, illud Misericordiæ ærarium administrant: quod ex fortuitis tantummodo hominum piorum largitionibus, eleemosinisque conflatum est. Ex quo (2) summa sodalitii fide, & integritate, nullo habito personarum delectu, egentium omnium inopiæ consulitur, ac prouidetur, præsertim puellarum pupillarum, quibus inde, iuxta cuiusque qualitatem, dotes in matrimonium conferuntur. Tum etiam eorum qui graui aliquo incommodo, aut calamitate pressi, vitam in mœrore, rerumque angustia trahere coguntur. Quo fit, vt multorum tam incolarum, quam exterorum mentes, ad largiendum alliciat perpetuus ille ordo, incorruptaque ratio ærarii quotannis in pauperes exhauriendi. Nihil enim in eo pecuniæ vltra annuum tempus asseruari fas est, nec item prouentus habent, nec ex instituto, legibusque sodalitii habere licet. Quod sane eo magis admiratione dignum videtur, quod ex ærario amplius viginti quatuor aureorum

(1) C. escreve, como parece preferível, *impendat*.
(2) C. diz *qua*.

nossos dias, mas apenas pela caridade de homens nobres e pessoas piedosas, de tal maneira que mal se pode crer a quantidade de dinheiro gasto anualmente com os pobres, reünido por contribuïção particular e espontânea.

Os que têm a seu cuidado esta casa chamam-se associados, ou para dizê-lo mais expressivamente, irmãos da Misericórdia. Incumbe-lhes a gerência, não só pela nobreza do nome e origem, mas também pelas qualidades de religião e probidade; e administram, com uniformidade de vistas e igual vontade, os dinheiros da Misericórdia, que se vão juntando só por dádivas casuais de pessoas piedosas e por esmolas. Sem fazerem escolha de pessoas, procedendo com grande fidelidade e máxima inteireza, socorrem e aliviam os pobres, sobretudo as raparigas órfãs, às quais distribuem também, conforme a categoria de cada uma, dotes para o casamento. Auxiliam do mesmo modo os que se sentem oprimidos pela desgraça ou infelicidade, obrigados a arrastar a vida no meio de aflições e tristeza.

Esta exactidão assídua, êste processo inalterável de repartir com os pobres, ano a ano, o dinheiro acumulado, provoca a generosidade de muitos, nacionais e estrangeiros, para darem mais e mais. A Misericórdia não pode amealhar de um ano para outro qualquer quantia; não tem, nem pode ter, segundo a regra e normas da associação, proventos especiais. Por isso, mais se desperta a admiração, ao ver que se distribuem do seu tesouro pelos pobres, em cada ano, para cima de vinte e quatro

ducatorum millibus in singulos annos constet egentibus erogari. Quin nonnullis annis numerum (1) quadraginta millium æquasse, compertum est.

Secundo loco sequitur alterum Misericordiæ, ac humanitatis exemplum, valetudinarium videlicet commune pauperum, infirmorumque hominum, nomine Omnium Sanctorum, non magnificentia ædificiorum, non sumptuum magnitudine, non denique benignitate erga pauperes, variis corporis morbis conflictatos, & expositos infantes, quos nutriendos alendosque curat, priori illi cedens. Id quatuor dividitur claustris, hortisque amœnissimis, porticibusque quatuor & triginta, quibus circumcirca continenter adhærent ædes magnificæ, tricliniis, lectis, culcitrisque mundissimis decenter ornatæ. Ibi pauperes ægrotantes benigne, liberaliterque excipiuntur: nec nisi recuperata in integrum valetudine inde dimittuntur, dato insuper quibusdam viatico, quo se non paucos dies, dum firmiores valentioresque effecti fuerint, sine ullo labore ac molestia subleuari (2) possint. His porro quæstorum, curatorum, medicorum, pharmacopolarum, ceterorumque ministrorum domus recte distinctis ordinibus conjunctæ sunt: vt infirmis, si quis casus necessitasue acciderit, præsto semper adsint, diesque noctesque pro se quisque sedulo diligenterque inserviant: adeo vt inter reliqua regia Xenodochia, quibus amplissimis celeberrimis-

(1) C. tem, injustamente, *numerus*.
(2) C. tem, sem motivo, *sublevare*.

mil ducados de ouro; e até houve alguns anos em que a soma atingiu ou superou quarenta mil ducados.

Falemos agora de outro exemplo de misericórdia e caridade; quero dizer, falemos do hospital dos pobres e doentes, chamado de Todos-os-Santos. Não cede em nada ao da Misericórdia, nem na magnificência das instalações, nem na soma dos gastos, nem na bondade para com os pobres que se vêem acabrunhados pela doença, nem na compaixão para com as crianças expostas que ali se alimentam e educam.

Está o edifício dividido em quatro alas, com hortos aprazíveis; tem trinta e quatro galerias, que, em tôda a volta, dão para habitações magníficas, onde se vêem, limpos e asseados, os refeitórios, os dormitórios, com camas e roupas alvíssimas.

Os doentes pobres são recebidos e agasalhados com bondade e largueza, não os deixando sair antes de recuperada a saúde. A alguns mesmo, ao abandonarem o hospital, dão-lhes dinheiro para que possam sustentar-se, sem trabalho e dificuldades, até se acharem completamente restabelecidos.

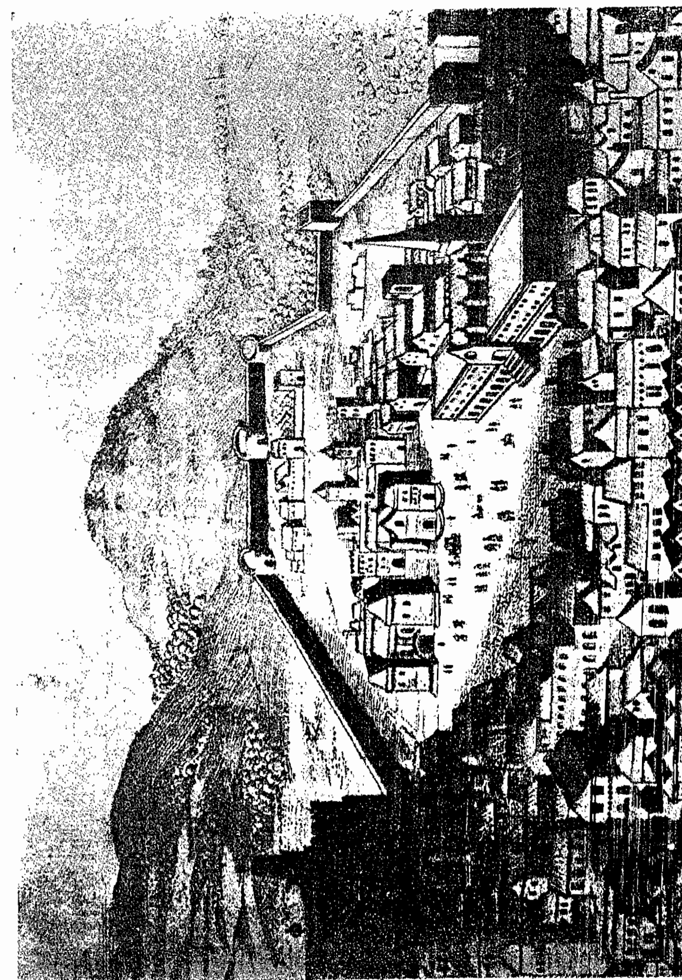
Há junto ao hospital umas casas ou dependências para as diversas categorias de empregados; tesoureiros, procuradores, médicos, farmacêuticos e outros funcionários, sempre prestes a socorrer, em qualquer contingência, os doentes, e a servi-los, de dia e de noite, com diligência e carinho. Tudo se faz de tal maneira que o nosso hospital pode colo-

que Hispania passim præter ceteras Orbis Christiani provincias referta est, nostrum hoc facile principatum sibi vendicet. Pro huius vero foribus campus patet apertus, planus vndique, quadrato ædium pulcherrimarum ordine circundatus, a quo divi Antonii, & Maurusia valles, quarum (1) supra mentionem fecimus, in «deltæ» literæ figuram se contingunt, ac diversis postea plateis, in corii bubuli similitudinem detracta cauda, explicantur, mare versus decurrentes. Ad dexterum deinde eiusdem Xenodochii latus, medium inter aquilonem & Occidentem, divi Dominici templum situm est, ac collegium celeberrimum, cuius ex adversa fronte campo interiecto Occidentem versus, tertium extat monimentum a Divo Petro, Ioannis regis huius nominis primi filio, sumptu publico constructum, domus revera amplissima, mirificoque opere admodum conspicua. Quam eo tantum consilio inibi, dum nomine Alfonsi quinti, sui ex patre nepotis, regni regimen sustinuit, extrui imperavit (2) vt exterarum gentium, regumque legatis, eo loci hospitium præberetur, publicisque sumptibus ibidem liberaliter magnificeque exciperentur.

Inde si recto itinere ad litus ire perrexeris relictis ad dexteram in loco eminentiore cænobiis Carmelitarum, Franciscanorum, ac ordinis Trinitatis, magnifica, sumptuosaque structura nobilissi-

(1) C. diz, sem razão, *quorum*.

(2) Em frase mais correcta deveria dizer: *ut extrueretur imperavit.*



Rossio do século XVI

car-se acima de todos os hospitais reais, embora muito grandiosos e muito célebres, que se encontram através da Espanha ou das restantes regiões do mundo cristão.

Em frente do portão da entrada, há uma vasta esplanada, ladeada por belos edifícios, donde partem os vales de Santo Antão e da Mouraria, a que já fizémos referência; tomam a figura de um delta, e espraiam-se em direcção do mar, abrindo-se em diferentes terreiros, com o aspecto de uma pele de boi sem cauda.

Ao lado direito do hospital, do norte para o poente, está situado o templo de São Domingos e um colégio, (1) de grande fama. Na frontaria oposta, passando um largo rossio a ocidente, levanta-se o terceiro monumento: edifício na verdade grandioso, digno de ser visto, pela sua arquitectura admirável, mandado erigir, à custa da nação, pelo infante Dom Pedro, filho de Dom João I. Mandou-o edificar, quando regeu o reino em nome de D. Afonso V, seu sobrinho, com a intenção de que servisse para receber os embaixadores das nações e dos reis estrangeiros; também ali se hospedavam, por conta da nação, com tôdas as honras e grandezas. (2)

---

(1) Damião de Góis escreve: *collegium*. Será colegiada o que êle quere dizer?

(2) Era o famoso Palácio dos Estaus, onde se encontra agora o Teatro Nacional, ao Rossio, embora não tivesse exactamente a mesma orientação que tem o actual Teatro.

mis, regiam nouam plateam, anagliptariis, annulariis, cœlatoribus, vasculariis, fabris argentariis, & æerariis aurariis, item argentariisque refertissimam, præteriens, in aliam eodem pariter nomine nouam mercatorum, continuo flectens ad lævam, devenies, ceterarum (1) omnium longe latissimam, ædificiisque pulcherrimis, vtrinque exornatam. Illuc omnibus fere ex partibus Orbis, & gentibus quotidie mercatores certatim conveniunt maximo hominum concursu atque frequentia, propter commerciorum portusque opportunitatem. Eademque via contra Septentrionem progredienti, ad lævam portorium vetus objicitur: vbi pro mercibus importatis publica regi vectigalia nuper pendebantur. E regione huius portorii forum, quod ueteris pali vocatur, apparet, in quo semper non pauci homines mensis assidentes reperies, quos notarios, vel librarios vocare possimus, nullis tamen civitatis ministeriis obligatos. Hi omnes ex hoc vitæ genere sibi alimentum suppeditant, quod omnium accedentium, mentesque suas explicantium, sensum assequantur, ordineque in eodem ipso loco subito schedis scribant, petentibusque dato pro ratione materiæ pretio tradant, in tantum, vt literas, epistolasque amatorias, elogia, orationes, epitaphia, carmina, laudes, parentalia, petitiones, singrapha, & cuiuscunque generis alia, quæ ab eis postulaveris ad ea habent dispositum scribendi stylum, quod nullibi totius Europæ vrbibus fieri

(1) C. traz *ceterorum*, erradamente.

Continuando em linha recta até à praia, ficam à direita, em lugar mais elevado, os conventos das Carmelitas (1), dos Franciscanos (2) e da Santíssima Trindade (3), notabilíssimos pela construção magnífica e sumptuosa. Passando ao longo da Rua Nova, onde abundam os gravadores, joalheiros, ourives, douradores, e casas de escambo, voltando sempre à esquerda, chega-se a outra rua chamada também Rua Nova dos mercadores, muito mais vasta do que as outras ruas da cidade, adornada, dum lado e doutro, com belos edifícios. Aqui se juntam, todos os dias, os comerciantes de quási todos os povos e partes do mundo, com extraordinário concurso de gente, por causa das facilidades que o comércio e o porto oferecem.

Indo na mesma direcção e pelo mesmo caminho para o norte, fica, à esquerda, o antigo posto fiscal, onde, há pouco, se pagavam ao rei os impostos pelas mercadorias importadas.

Em frente do posto, aparece a praça que se chama Pelourinho Velho; aqui se vêem sempre muitos homens, sentados diante de mesas, aos quais se pode dar o nome de tabeliães ou amanuenses,

(1) Mais ou menos o convento do Carmo, com as suas ruínas e Largo do Carmo, Rua do Carmo.

(2) Onde é agora a Biblioteca Nacional, Museu de Arte Contemporânea e Escola de Belas Artes, Govêrno Civil. Ainda se conserva o nome de Calçada de São Francisco.

(3) O convento da Trindade ruíu com o terramoto.

vidi. Vnde Olisiponis magnitudinem, & hominum frequentiam facile quis iudicabit. (1)

Dehinc recto itinere ad templum Misericordiæ de quo iam diximus, iter est, contraque ejus vestibulum ex orientali latere quartum apparet ædificium Regis Ioannis, hoc nomine tertii, perpetua memoria dignissimum. Duplex nempe magnificarum ædium structura, totidem porticibus, utrinque triginta duobus arcubus, octogintaque cellis exornata, angusta, æqualique areola interiecta, quam domum frumentariam Reipublicæ, ac quasi Lusitaniæ nutricem merito nominare possis. Ea siquidem mente horreum ibi publicum a Rege optimo ac prudentissimo constitutum est: vt sublato frumenti leguminunque omnium portorio, quod non sine fisci magno detrimento ipse omnium regum Lusitaniæ primus plebi elargitus est. Speque (2) ingentis quæstus mercatoribus proposita, frumentum vndique ab eis convehitur (3). Eo pacto brevi plebs annonæ caritate subleuatur, quod sane magno Reipublicæ commodo factum esse nuper experti sumus. Post huius tergum novum portorium inhæret, ipsam maris crepidinem attingens, immanis quædam lapidum moles, tignis trabalibus confertim immissis, ac fistucationibus in mare adactis suffulta, regisque eiusdem iussu sumptu-

(1) C. escreve: *facile iudicabis*.

(2) H. I. e C. têm outra pontuação melhor: *elargitus est, speque.....*

(3) Não encontrámos explicação para êste *convehitur;* deve ser *convehatur* ou melhor, *conveheretur.*

embora não tenham cargo oficial. Ganham a vida dêste modo: ouvindo os que a êles acodem e lhes expõem as suas intenções, escrevem folhas de papel que entregam aos requerentes, recebendo a paga conforme o assunto, de modo que sempre estão a postos para redigir cartas, mensagens amorosas, elogios, discursos, epitáfios, versos, louvores, orações fúnebres, petições, notas e coisas dêste jaez que se lhes pedem. Nunca vi fazer coisa semelhante noutras capitais da Europa. Por tudo isto fàcilmente se pode avaliar a grandeza de Lisboa e o número dos seus habitantes.

Continuando daqui em linha recta para a Misericórdia, de que já falámos, ressalta à vista, encostado ao vestíbulo, na ala oriental, o quarto monumento, digno de eterna lembrança do rei Dom João III: — fábrica dupla (1) de construções magníficas, com outras tantas galerias, trinta e dois arcos de ambos os lados, e oitenta armazéns, tendo ao centro um pátio, liso e não muito amplo. Com justiça se lhe pode atribuir o nome de celeiro da nação e ama de Portugal. O rei magnífico e previdente mandou fazer êsse celeiro público, por julgar, que, se fôsse abrogado o imposto sôbre o trigo, cereais e legumes, (imposto que êle antes de nenhum outro rei de Portugal, com prejuízo do fisco, fazia distribuir pelo povo), e se se desse aos co-

(1) Não se percebe bem esta frase: *duplex structura*. Deve ser edifício com *duas alas*.

que constructa, cui merito ob ædium magnificentiam, & operis pulchritudinem, quintum in hoc ordine locum tribuendum esse duximus.

Eodem tractu secundo mari campus latus admodum inest, a nova portorii, horreique structura, tum a septentrionali, tum ab occiduo latere, pulcherrimarum ædium serie circumseptus, tum maxime a meridionali, porticu iucundissima aspectu, ad litus usque ornatu summo deductus. Nam aliud latus quod orientem hibernum respicit, mare includit. In eo forum inest piscarium, vnaque forum cupedinis constitutum, quo cetarii, sartores, cupedinarii, lanii, panifices, dulciarii, gregati quotidie concurrunt, omnia, quæ urbem vescendi causa afferuntur, vendentes. Præterea, propolarum, institorum, cauponum, stabulariorum, linteonumque tabernæ ibidem instructissimæ visuntur. In hoc vero piscario foro certa quantitas corbium deposita est, magistratuum edicto quibus cimbis piscatoriis, appulsis, pisces (1) a mediastinis in forum ad venditrices advehuntur. Hi quidem corbes singulis annis a magistratu piscatoribus plus minus duobus millibus ducatorum locantur. De qua sane re, an causa adaucti vectigalis civitati congratuler, an tam latentem tyrannidis speciem reprobem, dubius & perplexus sum. Nec huic loco talia conserui, nisi vt vrbis opulentiam externis hominibus patefacerem. In huius vero campi occiduo sinu, eodem piscario foro a tergo relicto, mercatoque panificum, holitorum, fructuum venditorum, aucupumque

(1) C. escreve *iussis* em lugar de *pisces*.

merciantes esperança de lucros avantajados, traríam estes para ali, vindas de tôda a parte, as suas mercadorias. Êste processo administrativo aliviou, em breve a carestia do povo, o que realmente, como ainda há pouco experimentámos, contribuíu para grande proveito da nação.

À parte posterior dêste edifício está encostado o quinto monumento, a nova alfandega, que se estende até à orla do mar. É uma mole imensa de pedra, escorada com grandes traves, muito juntas, espetadas a maço no mar, construída à custa e por ordem do mesmo rei. Por tal motivo, atendendo à grandiosidade do edifício e beleza da construção, julguei-me obrigado a dar-lhe nesta série de edificações, o quinto lugar.

Seguindo a mesma direcção, a favor da corrente do mar, começando na nova alfândega e no celeiro, encontra-se um campo dilatado, fechado ao norte e ao poente por belas construções, e, ao sul, por uma colunata digna de ver-se; o lado oriental do campo está limitado pelo mar.

Neste vasto terreiro, ficam o mercado do peixe e dos doces, aonde acorrem, todos os dias, peixeiros, hortelãos, confeiteiros, cortadores, pàdeiros, doceiros, para venderem o que trazem para alimento da cidade; vêem-se lojas de comidas, de vinhos, de tendeiros, de estalajadeiros, de tecelões. No mercado de peixe, há grande quantidade de cestos, postos ali por determinação da autoridade, nos quais, logo que atracam os barcos dos pescadores, o peixe é transportado por escravos para as vendedeiras da praça. Estes cestos são alugados todos

interiecto nec non macello, domus, quam nostri Septensem nominant, sita est, in qua regii præfecti negotia ad bellum Africanum spectantia expediunt.

Non procul præterea ab hac domo, contiguo ædium ordine, sextum monumentum opere admirabili factum extat, præda, spoliisque multarum gentium, regumque refertissimum, quod ab Indicis negotiis, quæ ibi pertractantur, domum Indicam vulgus nostrum appellat. Attamen meo quidem iudicio, aromatum, margaritarum, carbunculorum, smaragdorum, aliarumque eius generis gemmarum, quæ quotannis ad nos ex India deportantur, emporium copiosissimum, tum auri quoque & argenti facti, infectique horreum amplissimum verius appellare poteris, quod cellas ibi quamplurimas miro artificio, atque ordine distributas, maxima omnium harum rerum copia affluentes, ab omnibus conspici posse palam est, vt mehercule fidem res superatura sit, nisi id omnium oculis obiici, manibusque in horas pene contrectari videremus. Proinde ex regia, quam ibi desuper Dominus Emmanuel amplissimam, & sumptuosissimam sibi fabricatus erat, porticus latissima, velut musculus, vt demonstravimus (a qua campus de quo paulo ante mentionem fecimus a meridionali latere sepitur) in mare prorumpit, in cujus fronte ad Oritem versus, turris vndique quadrato saxo mire exculta litori imminet. Ad hoc ibidem in ipso litore aliud ædificium opere mirabili a fundamentis modo facere occepit potentissimus Ioannes III Rex, Dominusque noster, quod cum Deo Divisque

os anos aos pescadores por uns dois mil ducados. Eu, porém, estou indeciso ao falar disto, e não sei se hei de felicitar a nação pelo aumento da renda, ou se devo reprovar aquela espécie de tirania latente.

Mas eu não pretendi trazer para aqui tal assunto a não ser para mostrar aos estrangeiros a opulência da capital.

No refêgo ocidental dêste campo, deixando atrás a praça do peixe, e passando o mercado dos pàdeiros, dos vendedores de hortaliça e de fruta, dos passarinheiros, e a praça dos comestíveis, fica situado um edifício, que nós chamamos a «casa de Seuta» onde os comissários régios tratam das questões relativas à guerra de África. Não longe desta casa, num lanço pegado de edifícios, levanta-se o sexto monumento, de obra e feição maravilhosas. Ali se acumulam abundantes despojos de combates e lutas com muitos povos; ali se tratam os negócios da Índia, e, por isso, lhe dão o nome de «Casa da Índia». Contudo, a mim me parece que se deve chamar o empório dos aromas, pérolas, rubis, esmeraldas e de outras pedras preciosas, que, de ano em ano, nos são trazidas da Índia; talvez, com maior verdade, se lhe pudesse chamar o armazém da prata e do ouro, quer em barra, quer trabalhado. Ali estão patentes, para quem os quiser admirar, inúmeros compartimentos, distribuídos com ordem e arte, tão recheados com aquelas preciosidades tôdas, que — palavra! — mal se poderia acreditar, se os olhos não vissem tais maravilhas e as mãos não lhes tocassem.

propitiis ad exitum perduxerit, octavum locum civitatis ornamenti obtinebit, ac reliquis omnibus palmam facile præripiet.

Postremo ei regiæ, quam diximus Emmanuelem ædificasse, e regione huius novæ instructuræ, Occidentem versus, platea interposita contiguum est septimum, ultimumque publicum monumentum, cellis quamplurimis, ac tricliniis quaqua versum artificiose fabrefactis instructum, ut ob interiorum ædium multiplices recessus, aditusque diversos labyrinthum esse vere existimes. Ibi Reges nostri armamentarium ingenti armorum omnis generis copia refertum constituerunt, machinarum item & tormentorum, tum rerum omnium, quæ ad bellum terra marique gerendum pertinent, apparatu adeo instructum, vt ceteris omnibus, quæ Europa, Asiave hodie instructissima copiosissimaque habere fertur, quorum optimam partem vidimus, & multitudine machinarum, & infinito armorum, telorunque numero facile præstet. Id vero hoc argumento me cuivis facilius probaturum puto, quod Rex in ordinariis tantum navalibus expeditionibus naves plures ducentis omnium generum perpetuo instructu, (1) optimeque armatas in Asia, Africa, Europaque habere cogitur. Tribus autem harum ædium cellis quadraginta millia peditum armorum corpora, ac tria millia cataphractorum integra quasi ex deposito diligentissime, nitidissimeque custodiuntur, præter ea, quæ ad quotidianos & extraordinarios motus depromuntur. Bombardici

(1) C. diz *instructas*.

52

Desde o paço real que Dom Manuel mandou construir para si, com tôda a grandeza e sumptuosidade, sai um pórtico de colunas, enormíssimo, que avança para o mar, como uma máquina de guerra. (1) (É êste edifício que limita pelo sul o campo ou terreiro a que já aludimos). Na parte anterior, ao nascente, ergue-se, sobranceira à praia uma tôrre, de pedra muito bem trabalhada. Junto àquele, mandou há pouco, o poderosíssimo rei Dom João III, nosso senhor, erigir, desde os alicerces, outro edifício, de construção admirável. Quando, com o auxílio de Deus, estiver acabado, ocupará o oitavo lugar nas belezas da cidade, e, sem dúvida, levará a palma aos outros monumentos citadinos.

Finalmente, perto do Paço do Rei, que dissémos ter sido edificado por Dom Manuel, e na parte oposta a esta construção nova, para o ocidente, correndo de permeio um terreiro, encontra-se o sétimo e último monumento público, com grande número de divisões e dependências, em todos os sentidos, adornadas e trabalhadas com arte, com tantas entradas e saídas nos compartimentos interiores, que se assemelha a um verdadeiro labirinto.

Estabeleceram aqui os nossos reis o arsenal de guerra; aqui se amontoam armas de tôda a espécie, máquinas bélicas, morteiros, e tudo o mais que serve para combates por terra e mar, em tal quantidade que suplanta fàcilmente todos os arsenais, embora muito apetrechados e recheados, da Eu-

(1) Era o Paço da Ribeira.

quoque generis Mortarios, Scorpiones, Basiliscos, Leones, Colubrinos, Camelos, Petrarios, Dispersores, Ruptoresque inusitatæ magnitudinis, & ponderis, tum reliquorum etiam vulgarium missilium, quos Falcones, Bercios, Sclopposque vulgus appellat: Pulueris item, & globorum tam ex saxo, quam ex ferro tantam vim & copiam asseruari compertum est, vt si singulas omnium, diversasque formas, numerum, pondusque per partes explicare coner verear ne falsa iis pro veris huic operi videar inseruisse, quibus hæc legendo dumtaxat, vel audiendo, percipere sufficiet. Ad reliqua igitur pergamus.

Vrbs ex ea parte qua mari adluitur, vt paulo ante demonstrauimus, vtpote nobilissima eius parte, portis duabus, & viginti distinguitur: pars vero, quæ continentem respicit, sedecim; quibus omnibus, propter infinitam hominum multitudinem, eiusque ambitum latissimum, maxime indigere videtur. Turribus autem per murorum gyrum septuaginta septem munitur. Templa vero, quæ a Græcis parœciæ appellantur, in quibus sacramenta fidelibus omnibus subministrantur, quinque & viginti numerantur, præter ea, quæ plurima Monachis, Anachoritis, (1) Vestalibusque virginibus sunt attributa. Huic loco non nihil in laudem ecclesiasticæ musicæ adiiciam, idque verissimum compertissimumque inter omnes ciues habetur, nempe quod in præcipuis anni festis diebus, ex

(1) C. escreve *Anachoretis.*

ropa e da Ásia. Vi eu muitos dêsses museus de armas, mas o nosso é mais rico, não só pela quantidade das máquinas de guerra, como pelo número quási infinito de armas e lanças.

Julgo que ainda há outra razão plausível para provar tudo isto: é que o rei vê-se na obrigação de ter, só para as expedições navais ordinárias, na Ásia, na África e na Europa, apetrechados e aparelhados permanentemente, mais de duzentos navios de tôdas as categorias.

Em três salas dêste edifício estão guardadas, como em depósito, com tôda a diligência e com o máximo asseio, quarenta mil armaduras de infantaria e mais três mil armaduras de cavaleiros, completas e inteiras, fora as que são tiradas para exercícios diários e extraordinários. Também aqui se guardam peças de artilharia, de tôdas as espécies, morteiros, escorpiões, basiliscos, leões, colubrinas, camelos, pedreiros, dispersores, bombardas de descomunal grandeza e pêso, assim como outras armas vulgares de arremêsso que o povo chama falcões, berços, espingardas; e tanta abundância de pólvora e quantidade de balas de pedra e ferro, que se eu tentasse esmiuçar e descrever a forma, a diversidade, o número e o pêso de tudo, creio que se poderia supôr que apresento nesta obra, contos falsos em lugar de factos verdadeiros.

Por isso contentem-se com ler e ouvir estas coisas.

Voltemos, pois, ao que ainda falta dizer.

A cidade, pelo lado em que é banhada pelo mar, como acima já mencionámos, tem vinte e

ipsa vrbe Olisipone, [1] vltra triginta absolutos cantorum choros, ad sacra modulato cantu in pagis villisque circum vicinis canenda, vna die cuncti exeant, omnibus vrbis templis, in quibus musica modulata canitur, ex eo nihil detrimenti ad suas celebrandas festivitates capientibus. Societates vero, quas confraternitates vocant, C.XXXI [2] sunt, in quarum vsum ingens a sodalibus quotannis conflatur pecunia, quæ in pauperes, & alios vsus necessarios summo ordine elargitur.

Qvod ad loci, situsque, salubritatem, & aeris temperamentum attinet, tanta certæ soli, cælique clementia, & amœnitas est, vt nullo fere vnquam anni tempore, nec æstas, nec hyems immoderata sentiatur; quo factum est, vt multi mortales ex diversis nationibus, terrisque remotissimis, cæli puritate pellecti, illuc commigrarint, derelictoque soli [3] natali & patriæ cura posthabita, perpetuam ibi sedem, vitæque domicilium posuerint. Vrbis vero territorium suburbanis, rusticisque villis, ædificiisque magnificis, quocumque oculos verteris, propter agri fœcunditatem vndique refertum videas, tanta etiam hominum frequentia, vti secundis iam pridem rebus, perpetuaque pace cum finitimis parta, complures jam ruri potius, quam in vrbe commorandi desiderium teneat. Agros enim passim non vicis, pagisque solum, sed templis

(1) C. traz *Ulisipone.*

(2) C. diz: *centum & triginta et unae.* Não se compreende êste *unae.*

(3) Todos escrevem *soli natali;* deve ser *solo natali.*

duas portas, por ser a parte mais nobre; na parte que dá para terra, tem dezasseis. E precisa delas tôdas, por causa do número e movimento dos habitantes, e da extensão do perímetro.

Está defendida, ao longo das muralhas, por setenta e sete tôrres.

As igrejas, chamadas paroquiais, por nelas se administrarem os sacramentos aos fiéis, são em número de vinte e cinco, sem contar outros templos que pertencem aos frades, aos religiosos que vivem em clausura e freiras.

Não posso deixar de acrescentar aqui merecidos louvores à música religiosa. Todos sabem perfeitamente como, nas principais festas do ano, saem da capital mais de trinta grupos corais completos, para cantar, em canto de harmonia, nas solenidades religiosas das aldeias e vilas dos arredores. Contudo, a-pesar-de saírem no mesmo dia, as igrejas da cidade, onde se canta música harmónica, não ficam desprovidas de cantores para as suas festividades.

As associações, a que chamam irmandades, são cento e trinta e uma. Todos os anos os irmãos contribuem com avultadas somas de dinheiro, que, depois, é dispendido metòdicamente com os pobres e com outros gastos necessários.

Quanto à salubridade de Lisboa e à brandura do clima, devo dizer que são tais a sua amenidade e suavidade que quási se não sente, através do ano, nem calor nem frio em excesso. Por isso acontece que para Lisboa emigram muitos estrangeiros, vindos de nações e regiões afastadas, atraí-

etiam claustrisque innumeris & ornatissimis frequentari cum tanta animi voluptate videmus, vt villæ, tam rusticæ, quam suburbanæ, numerum sexcentarum excedant. Pagos vero, qui ab vrbis magistratibus ius petere coguntur, ducentos & quadraginta numerant, inter quos sex & triginta privatis propriisque iudiciis ac prætoribus vtuntur, suisque oppidanis iurisdicendi potestatem habent, incolarumque controuersias per se omnes diiudicant, & finiunt, nisi cum de causis capitalibus, grauioribusque agitur. Tunc enim ad summum vrbis magistratum provocatur, eiusque sententiam requirere compelluntur. Denique vt ea, quæ insigne aliquod ornamentum vrbi afferre possunt, breui velut epilogo complectamur, ad Tagi ripam quinquagesimo circiter ab vrbe lapide, flumine aduerso, oppidum Scalabis situm est, peruetus atque inter pleraque alia Lusitaniæ oppida percelebre, quod Plinius quintam Lusitaniæ coloniam fuisse, atque præsidium Iulium olim vocatum testatur (1): nostri hodie Sanctarenum (2) vocant. De qua re plura apud Resendium nostrum antiquitatis amatores inuenient. Inde quoniam in montis excelsi admodum iugo positum est, in campum apertum & planum, longe lateque despicit, qui campus Tago medius diuiditur maxima terræ fertilitate, quæ cete-

(1) Eis as palavras de Plínio: «*Uniuersa provincia diuiditur in conuentus tres, Emeritensem, Pacensem, Scalabitanum... in quibus coloniæ sunt quinque... Quinta est Scalabis, quæ præsidium Iulium uocatur. (Hist. nat.* lib. IV, c. 22).

(2) H. I. diz *Sanctaronam*.

dos pela bondade do clima, e, deixando o torrão natal e os cuidados da Pátria, aqui se estabelecem e aqui vivem por tôda a vida.

O território da cidade, para qualquer ponto para onde se volte a vista, está povoado de casas de recreio e quintas, com edifícios magníficos, por causa da abundância da terra.

E há até muitas pessoas que desejam viver no campo em lugar de habitar na cidade, porque, além de tudo correr, como corre, pròsperamente, vivemos, desde longa data, em paz duradoira com os vizinhos.

Os campos, por tôda a parte, também estão matizados de casas de campo e aldeias e igrejas e conventos, tão belos e em tão grande número que as quintas e casas de campo, nas redondezas, vão além de seiscentas.

As aldeias que dependem da justiça dos magistrados da capital são duzentas e quarenta; entre elas há trinta e seis que têm os seus tribunais e juízos próprios, com direito a administrar a justiça aos habitantes e julgar litígios e pôr termo às contendas dos aldeãos, excepto quando se trata de causas capitais e outras mais graves, porque, nesse caso, devem recorrer ao supremo magistrado da cidade e requerer-lhe a sentença.

Por fim, para num breve resumo, citar tudo o que pode contribuir para a grandeza da capital, devo dizer que na margem do Tejo, indo de Lisboa, pelo rio acima, umas cincoenta milhas, está a cidade de *Scalabis*. Dizem que é muito antiga e muito famosa, entre outras muitas da Lusitânia,

ris omnibus vsque eo præstat vt modicæ arationes quotannis, pro vallis angustia, incredibiles tritici aceruos afferant, (1) tantam autem soli vbertatem id laudis non pudebit connectere, quod multis dictu vix credibile videbitur, sexagesimo nempe post die, quam sementis fieri cœpta est, segetes momento fere temporis adultæ, ac præmaturæ secantur, teruntur, & si libet, moluntur. (2)

Vervm vt ad propositum (3) reuertar, Tagus, qua, Scalabim adluit, vsque ad vrbem latissimo alueo defertur, atque altissimo. Nec eo contentus, interdum multos sinus vltro citroque, & insulas efficit. Eo itidem interuallo, oppida, pagi, villæque aspectu, situque gratissimæ ac amœnissimæ conspiciuntur. Medio fere cursu cis Tagum, occidentem versus, oppidum Alanquer situm est, quod vt sentit Resendius, prisca secula Gerabrigam appellabant. Locus natalis nostri, cuius nouam interpretationem, si propius inuestigare libuerit, Alanorum ecclesiam lingua saxonica sonare comperies, nec a veritatis via multum aberrabis. (4) Alanos siquidem cum vniuersam Europam cædibus, incendiisque vastando peragrassent, iis locis consedisse, eaque tantisper incoluisse ex multorum annalium

(1) C. traz *efferant*.

(2) C. escreve, sem causa, *moliuntur*.

(3) C. propõe, sem razão, *præpositum*.

(4) Como se vê, Damião de Góis faz derivar a palavra *Alanquer* da expressão saxónica, que devia soar como *Alanen kerk*. (cfr. alemão, *kirche;* holandês, *kerk*). Explicação, talvez, simplista, mas êle apresenta a seguir as suas razões.



Do Rossio ao Tejo no século XVI

que Plínio afirma ter sido a quinta colónia lusitana e chamada outrora *Praesidium Julium:* os nossos chamam-lhe agora Santarém. Os curiosos de antiguidades encontrarão informações copiosas àcêrca disto no nosso Rèsende.

Como a cidade fica num monte muito alto, olha sobranceira para uma extensa planície, dividida ao meio pelo Tejo, e de terra tão fértil que sobrepuja tôdas as outras, pois, com leves trabalhos agrícolas, produz anualmente, em pequenas extensões, enormes montes de trigo. Para mostrar esta fertilidade da terra, convém acrescentar, o que a muitos parecerá pouco crível, que, sessenta dias depois de lançada a semente ao solo, as searas amadurecem, e é ceifado o trigo e malhado e, se se quiser, moído.

Voltando ao meu intento, devo notar que o leito do Tejo, desde o ponto em que banha Santarém até Lisboa, é muito largo e muito fundo, e o rio forma, dum lado e doutro, várias enseadas e ilhas. No mesmo percurso, são dignas de vista fortificações ou castelos, aldeias e quintas, muito agradáveis e aprazíveis.

A meio, pouco mais ou menos, do curso do Tejo, na margem de cá, indo para o poente, fica a fortaleza de Alenquer, — a terra onde eu nasci, — e que, segundo Rèsende, os antigos chamavam Gerabriga. Todavia, se se procurar mais de perto outra interpretação do nome, chega-se à conclusão de que quere dizer, em língua saxónica, *Alanorum ecclesiam,* igreja dos alanos. E não se enganará muito quem assim opinar. Com efeito, os alanos,

monumentis compertum est, dum Gothis superuenientibus ex prouincia prorsus discedere, aliasque terras quærere coacti fuerint. Quæ gens omnis lingua, moribus, vicinitateque, Saxonibus ab origine fere semper coniuncta fuit, & ad hunc vsque diem mutuo quodam vinculo propinquitatis sese refouent. Ad huius vero oppidi radices (est enim eius præcipua pars in summo montis præalti culmine sita) fluuius e multis fontium riuis subterraneis oritur peramœnus, pisciumque multo feracissimus, qui arboribus vtrinque consitus, sole meridiano, magnisque caloribus, vmbram efficit, quo homines vt plurimum secedunt, gratissimam. Mox magno impetu inter confragosa montis, in planiciem apertam delatus, sexque a capite fontium passuum millibus, in Tagum diffunditur, qua parte Tagus crebras insulas emittit, quæ omnes frumento pascuisque pinguissimis abundant. Attamen earum nulla hoc tempore castellis, pagisue,(1) aut vitibus colitur, vt Strabo scriptum reliquit. Quæ res Tagi ipsius alluuionibus, vetustateque temporis forte deficientes, hoc gloriæ corollario cohonestantur, quod hodierna die Tagus ipse per vniuersa Oceani litora, in Aphrica, (2) Asiaque, leges & instituta det, quibus ipsarum prouinciarum reges, principesque, sponte, vel coacti parent, tributaque Lusitanis soluunt, Christique fidem indies magis magisque non pauci colunt. Quod non in Indorum

(1) C. tem *pagisque*.
(2) C. diz *Africa*.

depois de terem atravessado a Europa inteira, devastando-a com morticínios e incêndios, vieram assentar arraiais nestes sítios. Aqui viveram, conforme se depreende de muitos anais, até que, com a vinda dos godos, foram obrigados a abandonar completamente a província e a buscar outras regiões. Ora êste povo esteve, desde sempre, ligado pela língua, pelos costumes e pela vizinhança, aos saxões, e ainda, até ao presente, se sentem unidos, uns aos outros, por mútuos laços de parentesco.

Da base de Alenquer (a maior parte dela está situada no cume de um monte bastante alto), sai um rio, nascido de veios de água subterrâneos, ameno e muito abundante em pescaria, com árvores nas duas margens, que produzem sombras agradáveis, durante os fortes calores do sol do meio dia, e às quais se acolhem os habitantes. Logo, correndo com ímpeto tumultuoso, entre rochedos, pelo monte abaixo, espráia-se pela planície a uns seis mil passos dos mananciais de origem, e desàgúa no Tejo, na altura em que êste forma muitas ilhas abundantes em trigo e em pastios ubérrimos. Contudo, nenhuma delas possui castelos, aldeias ou vinhedos, como Strabão deixou escrito.

Talvez que faltem, por causa das cheias do Tejo ou pela antiguidade do tempo. Tudo, porém, está bem compensado, porque êsse mesmo Tejo, actualmente, dá leis e normas, através de tôdas as costas do Oceano, na África e na Ásia.

A essas leis se submetem, livremente ou à fôrça, reis e príncipes daqueles contornos; reis e príncipes que prestam vassalagem a Portugal, vivendo

ditionibus modo, sed in Chinarum (1) etiam terminis, ac Iapponum (2) finibus, gente antehac Europæ incognita, summa cum reuerentia fit. De innumeris vero exoticis rebus, quæ ex nostris vniuersæ Indiæ, Persiæ, Arabiæ, Aethiopiæ, Brasiliæ, Africæque ditionibus, in hanc vrbem toto anni circulo aduehuntur, deportanturque, cum de omnibus iis satis luculenter in eo opusculo, quod de fertilitate, & opulentia Hispaniæ emisimus, tractemus, nullam consulto hic facere mentionem sigillatim voluimus. Si quis forte id cognoscere auide cupierit, ipsum librum conquirat, quæsitumque legat. Ceterum si lectori noster hic labor displicuerit, sciat nos non ita hoc opus cudisse, vt itinera aliis scriptoribus interclusa a nobis esse opinemur. Nam si forte aliquis de origine, & vrbis situ compertiora in medium attulerit, rem profecto gratam cunctis, nobisque inprimis fecerit.

FINIS

Eboræ, apud Andream Burgensem, typographum illustrissimi Principis Henrici Infantis Portugalliæ, S. R. E. Cardinalis, ac ap.licæ Sedis Legati a latere. Permissa est editio a reuerendo patre fratre Gaspare de Regibus S. Theologiæ doctore ac hereticæ prauitatis inquisitore. Mense octobri. 1554.

(1) É preferível com *S*.
(2) C. traz *Japponensium*.

58

já também muitos dêles, com inteira obediência, na fé cristã; na fé que nós vamos dilatando, cada dia mais e mais, não só nos domínios da Índia, mas também nos territórios da China e nos confins do Japão, — povo até há pouco desconhecido na Europa.

Como num livro que publiquei das magnificências da Hispânia, tratei, com desenvolvimento, das inúmeras coisas exóticas que, no decorrer do ano, são embarcadas e trazidas das nossas possessões, para Lisboa, provenientes da Índia, da Pérsia, da Arábia, da Etiópia, do Brasil e da África, não quis, de propósito deliberado, deter-me agora aqui, em particular, neste assunto. Quem pretender ter conhecimento mais vasto e mais completo, procure êsse livro e leia-o.

Não sei se o presente trabalho agrada ao leitor, mas saiba que não fiz esta obra por imaginar que era caminho defeso a outros escritores. Por conseguinte, se alguém der a lume uma narrativa mais perfeita àcêrca da origem e situação da cidade de Lisboa, fique ciente de que fará uma acção, sem dúvida muito agradável para todos, e, para mim sobretudo, muito grata.

FIM

Acabou de se imprimir êste livro a 14 de Abril de 1937, na Imprensa Beleza, Rua da Rosa, 99 a 107 Lisboa

Goes, Damião de

Lisboa de quinhentos descrição de Lisboa

946.9/G553L
(274396/83)

LISBOA DE QUINHENTOS

DESCRIÇÃO DE LISBOA

Henrique Maurer Jr.
São Paulo, 24-12-1940.